

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CAMPUS GUARULHOS**

Kauan Willian dos Santos

O jornal *A Plebe*: militância e estratégias de propaganda anarquista no movimento operário em São Paulo (1917 a 1920).

GUARULHOS
2013

Kauan Willian Dos Santos

O jornal *A Plebe*: militância e estratégias de propaganda anarquista no movimento operário em São Paulo (1917-1920).

Trabalho de conclusão de curso
Dissertação/Tese/Trabalho de conclusão de curso
Universidade Federal de São Paulo
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel e Licenciado em História.

Versão final defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 26/03/2013.

Área de concentração Área de concentração
Orientação: Profa. Dra. Edilene Teresinha
Toledo.

GUARULHOS
2013

Kauan Willian Dos Santos.

O jornal A Plebe: militância e estratégias de propaganda anarquista no movimento operário em São Paulo (1917 a 1920).

Dissertação de conclusão de curso
Dissertação/Tese/Trabalho de conclusão de
curso Universidade Federal de São Paulo
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel e Licenciado em História.

SANTOS, Kauan Willian.

O jornal A Plebe: militância e estratégias de propaganda anarquista no movimento operário em São Paulo (1917 a 1920)./ Kauan Willian dos Santos. – 2013.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado/Licenciatura em História) – Universidade Federal de São Paulo Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013. 75 f.

Orientação: Profa. Dra. Edilene Teresinha Toledo.

Título em inglês: The newspaper The Plebe: militancy and advertising strategies anarchist in labor movement in São Paulo(1917-1920).

1-Anarquismo-Anarquistas. 2 Imprensa operária- Primeira República I. Edilene Toledo.

Profa. Dra. Edilene Toledo
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Luigi Biondi
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Clifford Welch
Universidade Federal de São Paulo

Em memória de meu tio e padrinho,
Ademir.

Para todos que lutaram e aos que lutam
por um mundo melhor.

Agradecimentos.

Levando em consideração que tal trabalho apresentado é um desdobramento de duas pesquisas de iniciação científica desenvolvidas desde 2011 até o atual momento, agradeço ao CNPq, que me concedeu tais bolsas, consolidando e acreditando no meu projeto inicial, no qual tive muito prazer em trabalhar.

Agradeço enormemente a minha orientadora, professora Edilene Toledo, sempre aconselhando e advertindo de forma humilde, paciente, mas sábia. Saliento sempre a honra em trabalhar com um exemplo brilhante de educadora e pesquisadora.

Ao professor Silvio Rosa, do departamento do curso de Filosofia e essencial na minha formação inicial. Sempre respeitoso e também paciente, não deixava o desinteresse tomar conta das suas aulas. Foram ensinamentos proveitosos não só resumidos ao campo da filosofia, mas da história, política e de reflexões calorosas.

Agradeço também a todos os professores que participaram da minha formação, um corpo docente preocupado com a formação intelectual, almejando formar pesquisadores e educadores completos.

Aos colegas que me acompanharam no decorrer da minha graduação. Importantes na minha formação por meio dos grupos de seminário e das discussões, mas também por meio de conversas edificantes. Meus cumprimentos para Nathalia, Bruno, Victor, Thaís, Sarkis, Renato e Hugo. Do mesmo modo, para meus amigos presentes em períodos de tempestade e de sol. Meus cumprimentos para Thiago, Roberto, Stefan, Gleison, Daniel, Lucas, Igor e Flávio.

Agradeço aos meus protetores fiéis e zelosos desde os anos iniciais da minha vida, meus tios Cristiane e Ademir e minha prima Beatriz.

À minha mãe Cleibe, pela educação que me deu ensinando o respeito e o interesse que me fez ter pelas questões sociais, filosóficas e históricas. Ao amor de meu pai Marcelo, meus adoráveis irmãos Kaique e Marcela.

Ao companheirismo, amor e afeto de Tatiana, ajudando e participando desse momento importante. Vida longa para nós!

“Nenhuma revolução social pode triunfar se não
for precedida de uma revolução nas mentes e
corações do povo.”

Piotr Kropotkin

Resumo

Este trabalho busca analisar historicamente o periódico anarquista intitulado *A Plebe* nos anos de 1917 a 1920 visando compreender sua ação entre os trabalhadores. O objetivo neste visa percorrer a trajetória do jornal, tratando-o como objeto e problema histórico dentro de contextos sociais em constante mudança. Almejo analisar desde o motivo inicial da publicação do jornal, as próprias falas e correntes estratégicas, entendendo a importância deste no período, marcado por grandes greves, contribuindo para o estudo da mobilização da classe operária e da militância anarquista na Primeira República em São Paulo frente à exploração do trabalho urbano e industrial. A hipótese, que procuro comprovar com minha análise, é que o periódico estava inserido em um projeto ideológico e teórico transnacional e apresentou diversas estratégias e táticas de propaganda visando uma ação eficaz de sua concepção revolucionária. Tal fato evidencia a complexidade e a identidade própria dos personagens que escreviam o periódico, adaptando suas teorias conforme necessidades concretas. O periódico não almejava alcançar um público somente de anarquistas, mas mostrava muitas vezes, nos seus artigos, uma linguagem operária, tática indispensável para a popularidade e eficácia deste nas greves e manifestações do período. Como referencial teórico, tenho os próprios clássicos da historiografia do movimento operário como as obras de Edward Thompson e no Brasil de Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, que destacam as experiências de luta e de organização do operariado no processo de auto constituição da classe.

Palavras-chave: Anarquismo e anarquistas. Imprensa operária – São Paulo. Primeira República. Assunto Assunto

Abstract.

This work seeks to analyze historically the anarchist periodical entitled *The Plebe* in the years 1917 to 1920 aiming his action among workers. The objective of this course aims to traverse the newspaper's treating it as an object and historical problem within changing social contexts. I aim to analyze since the initial reason of the publication of the newspaper's own speeches and ideological currents understand the real importance of this period, marked by major strikes, contributing to the study of the mobilization of the working class and anarchist militancy in the First Republic in Sao Paulo ahead the exploitation of labor and industrial city. The hypothesis that I put in my analysis, is that the journal was inserted into a transnational ideology and theoretical project and presented different strategies and tactics of propaganda aimed at the successful introduction of its revolutionary design. This fact highlights the complexity and identity of the individuals who wrote the journal adapting their theories as concrete needs. The journal aimed to reach an audience not only of anarchists, but often showed in their articles, a working language, tactics essential to the popularity and effectiveness of strikes and demonstrations in the period. The theoretical approach have their own classic historiography of the labor movement as the works of Thompson, and Brazil as Michael Hall and Paulo Sérgio Pinheiro that highlight the experiences of struggle and organization of the working class in the process of self constitution class.

Keywords: Anarchism and anarchists. Press working - São Paulo. First Republic.

Sumário.

Introdução.....	10
Capítulo 1. O Anarquismo no Movimento Operário em São Paulo no século XX e a importância de <i>A Plebe</i>.....	17
Capítulo 2. Em torno do jornal <i>A Plebe</i>: teoria e prática na criação de um periódico anarquista e operário:	
2.1. Teóricos e ideologia: o projeto anarquista transnacional.....	27
2.2. Os antecedentes práticos e locais na criação de <i>A Plebe: A Lanterna, Guerra Sociale e Aliança anarquista</i>.....	38
Capítulo 3. Adentrando o jornal <i>A Plebe</i>: táticas de propaganda, articulações e militância anarquista em São Paulo:	
3.1. Táticas de propaganda e articulações em <i>A Plebe: 1917- 1920</i>.....	43
3.2. Militância e ação em <i>A Plebe</i>.....	54
Conclusão.....	63
Fontes.....	66
Referências bibliográficas.....	67
Anexo	
(Imagens).....	73

Introdução.

Desde o final do século XIX, não existia nenhum país industrializado que pudesse ignorar a massa de trabalhadores urbanos que eram considerados potencialmente ameaçadores pelo Estado e as classes dominantes.¹ Em São Paulo, igualmente como na Europa, o proletariado nascente foi alvo da exploração física e mental, que se encontravam tanto nas cidades quanto no campo. Os baixos salários e as condições de vida precárias reforçavam tal realidade.²

Dessa maneira, no início do século XX, nos nascentes polos industriais, uma massa de trabalhadores, muitos deles imigrantes, se organizavam em prol de melhorias das condições existentes ou mesmo almejando o fim do sistema capitalista. Ideologias ou correntes políticas moviam muitos desses trabalhadores para lutar contra o sistema ou para o melhoramento deste. Entre eles estavam socialistas, anarquistas, sindicalistas ou pessoas que apenas simpatizavam com teorias libertárias. É fato que muitos trabalhadores nem sequer tinham uma ideologia definida e também é ilusório pensar que todos tinham uma consciência de classe almejando o fim do sistema burguês. Dessa maneira, a ação política não é único fator para tentar compreender as culturas de classe³, no entanto não é possível ignorar a organização e ação de muitos trabalhadores e militantes em torno de visões de mundo, que eram de fato expressivas.

Como um exemplo notável, na segunda década do século XX em São Paulo, houve a greve geral de 1917. Acontecimentos marcantes como passeatas, prisões e a morte de trabalhadores como o do anarquista espanhol José Martinez fizeram com que muitas vezes as ruas da cidade fossem tomadas com muitos adeptos nas reivindicações.⁴ Tais eventos mostram a força da organização política e sindical nos centros industriais

1 Ver TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 76

2 É necessário deixar clara a diferença entre a formação da classe operária na Europa e no Brasil. Nildo Viana salienta que, na Europa, houve a transição do feudalismo para o capitalismo, fator decisivo para o trabalho servil se transformar paulatinamente em outras formas de trabalho, como o fabril. No Brasil, a transição se deu do escravismo colonial para o trabalho semilivre e livre: “[...] Logo, o proletariado brasileiro é formado não por uma população camponesa e artesã, tal como ocorrera na Europa, mas principalmente pela vinda de estrangeiros ao país.” Ver VIANA, Nildo. “A aurora do Anarquismo”. IN: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *História do Anarquismo no Brasil (volume um)*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006. p. 25.

3 Ver SAVAGE, Mike. “Classe e História do Trabalho”. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre(org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. pp 25-48.

4 Ver LOPRETO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000. pp 12-19.

do Brasil nesse período, e portanto a consideramos digna de atenção detida.

Um aspecto em destaque é o fato que muitos periódicos operários de circulação na cidade mostravam apoio e táticas para a greve. Nesse evento, muitos militantes de orientação anarquista mostravam uma participação decisiva, escrevendo e organizando periódicos, participando de comícios e piquetes, tentando atrair os trabalhadores para a ação direta.⁵

O anarquismo⁶ é uma ideologia sistematizada como teoria política no século XIX que almeja a construção de uma sociedade igualitária constituída de uma nova consciência moral e política onde seriam extintos o capitalismo, o Estado e a Igreja, considerados como a tríade da desigualdade para os libertários. Embora os anarquistas tenham uma visão clara sobre os objetivos finais propostos, divergiram sobre os métodos e estratégias para atingi-los. Apesar de tudo isso, no geral, almejam a propaganda destinada às massas, por isso eram os meios de propaganda, muitas vezes⁷, o meio organizador do movimento anarquista e estavam ligados diretamente com as reivindicações e ações de grande parte dos trabalhadores urbanos.⁸ Edilene Toledo afirma:

“Os grupos anarquistas, sobretudo através de seus jornais, mas também de comícios e manifestações, tiveram papel importante em vários momentos de luta dos trabalhadores na Primeira República, como na luta pela jornada de oito horas, nas campanhas contra a carestia de 1912-1913 e 1917-9, participando também das greves do período.”⁹

5 TOLEDO, Edilene. “A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República”. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889- 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 76

6 O conceito de anarquismo a que me refiro é o denominado “anarquismo libertário”, doutrina formulada a partir de meados do século XIX. Magnani afirma que o anarquismo é uma: “(doutrina) que se insere no conjunto de ideias socialistas que se originaram das contradições inerentes à sociedade capitalista, onde a “organização política repousa sobre os princípios eternos da liberdade, da igualdade e da fraternidade, enquanto a vida social é dominada pela escravidão econômica, pela desigualdade social e pela luta de classes”. MAGNANI, Silvia Lang. *O movimento anarquista em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p. 56.

7 Sem excluir o fato que havia anarquistas mais revolucionários que consideravam levantes e a violência como principal método revolucionário.

8 Toledo afirma: “O grupo de propaganda era, em geral, a célula organizadora do movimento anarquista, em que todos podiam entrar e sair, sem obrigações ou sanções”. TOLEDO, Edilene. *A Trajetória anarquista no Brasil na Primeira República*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op cit.* p. 68.

9 Idem. p. 76

Para entender e construir uma história do movimento operário, de sua ação, bem como de suas ideologias e táticas, é necessário e importante analisar os periódicos feitos e lidos pelos próprios trabalhadores e militantes nesse período. Nesse sentido, a autora Yara Khoury mostra:

“As lutas dos trabalhadores na primeira metade do século XX tem no jornalismo, para os militantes um forte instrumento: melhor dizendo, fazer jornalismo, para os militantes, significou organizar-se em movimento, que supunha observar e questionar a realidade, noticiar e comentar os acontecimentos e discutir os problemas vividos, articular e difundir propostas, apresentar formas de organização e de encaminhamento de suas lutas.”¹⁰

Um dos mais importantes periódicos na segunda década do século XX na mobilização operária de caráter anarquista, tendo seu marco inicial na referida e conhecida greve geral de 1917, foi *A Plebe*.¹¹ O seu nascimento foi a própria representação das greves e reivindicações do período para muitos militantes. Sua importância não é vista apenas pelos anarquistas do período, mas a própria polícia empastelou o jornal após a greve e prendeu seu principal redator, Edgard Leuenroth, acusando-o de principal agitador dos eventos ocorridos.¹² Boris Fausto complementa:

“O primeiro número de *A Plebe* - e a criação do jornal é um reflexo de nova etapa que se abria - refere-se ao fato de que o operariado de São Paulo parece despertar para a luta, sob o efeito da propaganda e dos comícios recentemente realizados.”¹³

Dessa maneira, fica evidente que a análise das táticas de propaganda de *A Plebe* e militância de seus redatores e associados é essencial para o entendimento de grande parte da mobilização operária e da representação das ideias anarquistas em São Paulo nesse período. Ainda, estudar o periódico *A Plebe*, pode nos revelar como eram organizados os métodos propostos por Edgard Leuenroth, militante anarquista de

10 KHOURY, Yara Aun. “Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil”. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op cit.* p. 115

11 Idem. pp. 113-130.

12 SILVA, Rodrigo Rosa da. “As ideias como delito: a imprensa anarquista no registro do DEOPS-SP (1930-1945).” IN: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *Op. cit.* pp. 113-132.

13 FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo: Difel, 1977. p. 203

destaque no período, bem como outros redatores e, assim, como se mobilizava parte do operariado brasileiro que residia em São Paulo.

O estudo do movimento anarquista em meio ao operariado em São Paulo nesse período não é algo inédito. Logo no início da década de 1960, Edgard Leuenroth, um grande militante anarquista, como já foi dito, escreveu a própria história do movimento do qual participou.¹⁴ Em suas obras, o militante buscou legitimar o movimento anarquista dentro do operariado brasileiro realizando uma clara crítica ao movimento operário pós 1930, marcado pela presença do Partido Comunista do Brasil.

Astrojildo Pereira, outro militante do período, que posteriormente trocava o anarquismo pelo comunismo, fez justamente o oposto em sua análise e tratou de dividir o movimento operário em uma fase inconsciente e prematura, marcada pela predominância dos libertários, e outra fase, para este madura e politicamente engajada, trazida com o nascimento do Partido Comunista.¹⁵

Um salto em nível historiográfico que visou o anarquismo no Brasil foi a obra de Silvia Magnani publicada em 1978, um dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre o tema.¹⁶ A autora trabalhou com tal ideologia como uma das expressões do movimento de classe. Porém, o viés do seu trabalho foi muito criticado posteriormente, uma vez que afirmou a extrema importância da militância dos anarquistas junto à organização dos trabalhadores, ressaltando apenas a centralidade da atuação destes. No entanto, sua contribuição foi identificar e separar notavelmente os trabalhadores em geral, e uma parcela organizada destes, movidos por uma ideologia política.

De extrema importância também foi a presença de brasilianistas como Eric Gordon, quando analisou a teoria e prática do movimento anarquista no Brasil.¹⁷ O autor, em sua pesquisa, amplia os horizontes do estudo do anarquismo quando deu destaque ao próprio cotidiano operário e às formas de participação dos militantes libertários. Nesse sentido, o autor apontou a presença destes em comícios, periódicos, na *Escola Moderna* e em centros de cultura, mostrando a possibilidade de estudos amplos sobre o tema.

Em contrapartida, historiadores, analisando o movimento operário no Brasil,

14 LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo – roteiro da libertação social: antologia da doutrina, crítica, história, informações*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963

15 PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: ed. Ciências Humanas, 1980.

16 MAGNANI, Silvia Lang. *Op. cit.*

17 GORDON, Eric Arthur. *Anarchism in Brazil: theory and practice, 1890-1920*. Louisiana, 1978.

também realizaram críticas à presença dos anarquistas neste. Um pesquisador notável é Boris Fausto que aponta a debilidade do movimento operário e seu fracasso político em seu primeiro momento.¹⁸ Para o autor, tal fato provinha da posição secundária da indústria, da exclusão dos trabalhadores da política e do movimento anarquista que se baseava em críticas morais e não propunha táticas avançadas de alianças, contribuindo para o isolamento do proletariado estrangeiro e aumentando o poder das classes dominantes no período.

Mais tarde, pesquisadores como Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro irão contestar todo o tipo de trabalho acadêmico como este, afirmando que tais pesquisas pressupõem um modo como a classe deveria ser, distorcendo a consciência real que os trabalhadores pudessem possuir¹⁹. Em outras palavras, os autores, influenciados principalmente por Thompson²⁰, atentam para importância do "auto fazer-se" da classe operária. Nessa visão é evidenciada a história do movimento operário como resultado de lutas concretas e adaptado a condições materiais precisas.

Nesse viés, o anarquismo e outras ideologias ou teorias políticas e filosóficas dentro do movimento operário passam a ter destaque como possíveis formas de resistência para o momento estudado. Estudar suas razões, formas de manifestações, adaptações e complexidade se tornam o novo alvo para a construção de uma História do Movimento Operário no Brasil. Muitos pesquisadores foram influenciados por essa vertente²¹

Como exemplo, historiadores como Edilene Toledo e Luigi Biondi²² usaram como recorte de suas pesquisas a própria imprensa libertária, tendo como objetivo entender a importância, a complexidade, as articulações, as formas de resistência e propaganda de determinado grupo anarquista, dessa forma ampliando horizontes da

18 FAUSTO, Boris. *Op. Cit.*

19 HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo. "Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle." *Coleção Remate de Males*. n 5, 1985. pp. 96-120

20 THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. vol. 1.

21 Como exemplo, trabalhos que estudam a perseguição aos anarquistas como LEAL, Claudia Baeta. *Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890*. Tese de doutorado. São Paulo- Campinas: Unicamp, 2006; SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a Resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

22 TOLEDO, Edilene. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994; BIONDI, Luigi. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. Tese de Láurea defendida junto ao Departamento de História Contemporânea da Università di Studi di Roma "La Sapienza", 1993-1994.

própria História dos trabalhadores e dos militantes.

Com tal balanço em mente, acredito que meu objetivo nessa pesquisa foi percorrer a trajetória do jornal *A Plebe*, tratando-o como objeto e problema histórico dentro de contextos sociais em constante mudança. Percorrer desde o motivo inicial da publicação do jornal, as próprias falas e correntes estratégicas destinadas à mobilização operária durante os anos de publicação de 1917 a 1920, almejando entender a articulação do periódico e como os redatores neste militavam no intuito de criarem sua propaganda política incentivando seus leitores a participarem das grandes greves do período. Assim, busco contribuir para o estudo da mobilização da classe operária e da militância anarquista na Primeira República em São Paulo frente à exploração do trabalho urbano e industrial, parte importante da História da cidade e do trabalho. Além disso, contribuir com a própria história do anarquismo como movimento que se desdobra e se adapta às condições materiais existentes e ao mesmo tempo apresenta um projeto transnacional.²³

Trabalhou-se com a hipótese de que a participação do periódico *A Plebe* e de seus redatores foi de extrema e essencial importância nas greves em São Paulo no período de 1917 a 1920 (como a Greve Geral de 1917).²⁴ A hipótese seguinte, que coloco com minha análise, é que o periódico estava inserido em um projeto ideológico e teórico transnacional e apresentou diversas táticas, algumas conformadas como estratégias de propaganda na tradição anarquista, visando uma introdução eficaz de sua concepção revolucionária. Tal fato evidencia a complexidade e a identidade própria dos personagens que escreviam o periódico, adaptando suas teorias conforme necessidades concretas. O periódico não almejava alcançar um público somente de anarquistas, mas mostrava muitas vezes, nos seus artigos, uma linguagem operária, tática indispensável para a popularidade e eficácia deste nas greves e manifestações do período. É devido a este fato que o periódico em questão foi tão importante nos eventos da greve geral de 1917, era visto não só como um periódico anarquista, mas como um forte instrumento de representação dos trabalhadores. Ou seja, o periódico em questão não pode ser resumido ao termo anarcossindicalista, mas propunha predominantemente, em suas colunas, a inserção de suas ideias em um sindicalismo de orientação revolucionária que

23 Em toda a monografia irei trabalhar com esse conceito. O anarquismo, bem como outras teorias políticas contidas na História Social do Trabalho podem ser lidas dessa maneira, seguindo a linha de raciocínio de LINDEN, Marcel van der. "História do Trabalho: O Velho, o Novo e o Global. In: Revista Mundos do Trabalho, v.1, n.1. 2009.

24 LOPREATO. Christina. *Op. Cit.*

englobasse diversas orientações ideológicas.

As táticas de propaganda e as propostas dos redatores em suas colunas que eram mais que simplesmente artigos isolados da realidade operária, mas apresentavam um projeto político e um ideário importante para os leitores. A análise desse e outros periódicos nos mostra a importância da militância que muitos personagens tiveram nos meios operários na cidade.

Muito já foi feito mostrando a ação educativa desse e demais periódicos operários²⁵, mas ao analisar tais ações faltam, muitas vezes, questionamentos e revisões da própria mentalidade dos personagens históricos e de eventos ocorridos em torno do periódico e do movimento operário, fatores que são essenciais para a compreensão da luta dos trabalhadores nesse período.

Para tal, no primeiro capítulo mostrarei a história do movimento anarquista no interior do movimento operário de São Paulo, apresentando os principais militantes e acontecimentos como greves e manifestações no período proposto. Irei me preocupar em mostrar a importância e significado destes no operariado na cidade. Começo neste capítulo a analisar *A Plebe*, focando na sua importância, sua trajetória de forma geral, seus principais redatores e também apresento a análise de alguns trechos que irão deixar as primeiras hipóteses e objetivos a serem trabalhados.

No segundo capítulo, pretendo mostrar resumidamente a história do anarquismo como teoria desde o mutualismo em Proudhon, passando por Bakunin e o debate da Primeira Internacional até Malatesta e Kropotkin, principais teóricos de influência para os militantes e os periódicos do período em estudo. Também exponho, baseado em uma historiografia recente, a especificidade e complexidade do estudo dos periódicos anarquistas, bem como os termos anarco-comunismo, anarcossindicalismo e sindicalismo revolucionário. Analiso de forma sucinta como essas denominações foram utilizadas para analisar a história do anarquismo e como o avanço das pesquisas trouxeram novos rumos para a análise de periódicos e militantes. Depois, voltarei a analisar trechos de *A Plebe*, mostrando as principais influências teóricas na prática do próprio periódico. Além disso, apresento um balanço sobre os principais acontecimentos locais (em São Paulo) para a criação de tal periódico. Irei expor a história e importância dos periódicos *A Lanterna* e *Guerra Social* e da militância de Edgard Leuenroth. Nesse sentido, mostrarei a força da organização denominada *Alliança Anarquista*, influenciando as ações de propaganda e a união de militantes anarquistas no período.

²⁵ Periódicos anarquistas, socialistas e sindicalistas.

Na terceira parte do trabalho, busco adentrar a análise de trechos do periódico *A Plebe* mostrando e respondendo às questões colocadas na introdução e no primeiro capítulo. Além dos conteúdos e das principais preocupações dos redatores, mostrarei também as imagens e poesias que estes usavam, com efeito, como o periódico em questão se organizava e por quem almejava ser lido. Tal capítulo consistiu em analisar o próprio periódico para constatar quais eram os programas anarquistas que se assemelhavam ao descrito no jornal e a mudança destes durante o período estudado. Também analisei todas as táticas de propaganda, grupos de afinidades e articulações que os redatores usavam para convencer seu leitor para a causa revolucionária.

No segundo subtítulo, analisarei a militância dos principais redatores do periódico, tentarei compreender a contribuição de diversos personagens na construção do periódico. Posicionei tais biografias nesta parte por considerar de extrema relevância a atuação dos personagens históricos na confecção das táticas de propaganda e articulações do periódico. Ou seja, os redatores não estavam apenas em torno do periódico, mas eram participantes ativos nas publicações e conteúdos deste. Os redatores considerados, baseados na bibliografia usada e também em fontes complementares, são: Edgard Leuenroth, Astrojildo Pereira, Neno Vasco, João Penteadó e Valeska-Mari. Serão extraídos trechos do periódico, complementando o estudo tanto dos militantes quanto das várias problemáticas que são objeto de reflexão.

Concluindo o trabalho, farei um balanço do conteúdo analisado e exposto e responderei às questões colocadas inicialmente.

Capítulo 1.

O Anarquismo no Movimento Operário em São Paulo no século XX e a importância de *A Plebe*.

Uma das razões históricas que explicam a costumeira relação entre o operariado da Primeira República com a imagem do italiano anarquista pode provir da própria importância que os ideais anarquistas representaram nesse período entre os imigrantes e operários, muitos deles italianos. Trabalhos recentes enfatizam que não se pode colocar todo o peso das greves e reivindicações do período nas mãos dos anarquistas.²⁶ De fato,

²⁶ Trabalhos recentes enfatizam a ação dos socialistas desde o final do século XIX em São Paulo. Bem como os anarquistas, estes também participaram de comícios e manifestações e foram influentes em

o anarquismo não era a única ideologia presente entre os trabalhadores e imigrantes em São Paulo no começo do século estudado.

Todavia, para entender a complexidade da história dos trabalhadores em São Paulo, não se pode negar a influência e a força dos anarquistas no movimento operário nesse período. A participação de militantes e articuladores anarquistas em greves e manifestações são exemplos claros disso. Do mesmo modo, documentos também evidenciam o medo do Estado e das classes mais abastadas do efeito da ação de militantes libertários.²⁷

Entre as mais importantes formas de manifestação de ideias anarquistas nesse período esteve a ação nos meios sindicais. Embora muito criticada por alguns militantes e periódicos anarquistas, especialmente o periódico *La Battaglia*, a participação sindical e a ação direta estiveram entre os principais meios de manifestação anarquista. Alguns anarquistas criticavam a ação sindical por reivindicar apenas melhorias de vida dentro do sistema capitalista (reformismo) e ofuscar a revolução almejada. Outros anarquistas, no entanto, enxergavam o sindicalismo como arma eficiente para a formação política libertária dos trabalhadores, e adentravam nestes como uma tática para disseminar tal ideologia.²⁸

Periódicos anarquistas apoiavam e articulavam greves e piquetes dentro do operariado de São Paulo. Dessa maneira, apesar das diferenças estratégicas, os militantes se uniam tendo como fio condutor a propaganda política para as massas e o incentivo à ação direta. A educação se torna um dos elementos principais entre estes. O objetivo comum era uma sociedade livre da Igreja, do capitalismo e do Estado (em todos os níveis) tendo em vista o autodidatismo e ação direta construindo uma sociedade igualitária e moralmente autossuficiente.

Desde o começo do século XX em São Paulo, uma forte organização do movimento operário paulistano através de periódicos na cidade, somado a uma série de greves parciais pelo aumento dos salários, comícios e piquetes, resultou em 1917 na greve geral. Há quem afirme que tal greve não passou de um acontecimento espontâneo devido às péssimas condições de trabalho e moradia entre os trabalhadores nesse

muitas greves, escrevendo periódicos operários. Ver SCHMIDT, Benito Bisso. “Os partidos socialistas na nascente República”. IN: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op. cit.*

27 Para um estudo da repressão contra anarquistas ver LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. *Op. Cit.*

28 A questão é bem mais complexa que isso. Nesse sentido, existiam no período três tendências entre os anarquistas em São Paulo. Ver TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 299

período, somado à incerteza que a Primeira Guerra trazia às pessoas.²⁹

O argumento e a análise das condições materiais existentes não podem ser refutadas para entender o movimento operário e a referida greve. Os próprios militantes do período usavam tal argumento.³⁰ Porém, somado a isso, a análise de periódicos, comícios e discursos dos militantes e trabalhadores revela claramente uma articulação iniciada no começo do século para a realização de tal acontecimento. Christina Lopreato parece assertiva em sua obra “O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917” onde afirma categoricamente que a referida greve construída em seus detalhes revela a “presença de uma estratégia política em ação desde o início do século e fortemente enraizada no interior do nascente movimento operário”.³¹

De fato, desde o final do século XIX, o Brasil começava a receber os primeiros imigrantes anarquistas que deixariam traços profundos no movimento operário. Entre eles estavam o português Neno Vasco, os italianos Oresti Ristori, Giulio Soreli, Gigi Damiani, Luigi Magrassi, Angelo Bandoni³² e também outros nascidos no país como Benjamin Mota. Tais militantes participaram ativamente, denunciando a exploração da mão-de-obra imigrante nas fábricas e fazendas e incentivando a organização e a ação direta. A partir de 1900, a organização operária começa a se solidificar, apresentando as primeiras ligas operárias, greves e manifestações. Nesse período em São Paulo, uma série de novos periódicos libertários começam a circular pela cidade como *O Grito do Povo*, *Palestra Social*, *A Lanterna*, *Germinal*, *La Nuova Gente*, *O Amigo do Povo*, *O Livre Pensador*, *L'Asino*, *La Battaglia*, *Azione Anarchica*, e outros títulos que adentravam no movimento operário a fim de estabelecer uma propaganda de libertação tanto econômica quanto moral ou mesmo para a melhoria das condições existentes.³³

29 Ver FAUSTO, Boris. Op. Cit.

30 Mais detalhes desse debate estão em BIONDI, Luigi. “A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas”. Cadernos AEL. *Imigração*. Campinas-SP: Unicamp, 2000. pp. 259-310.

31 LOPREATO, Cristina. *Op cit.*. p. 13.

32 É necessário lembrar que a presença de imigrantes, principalmente italianos, foi de essencial importância para o potencial desenvolvimento do anarquismo na capital paulista. Obviamente, este não foi o único fator para o florescimento e penetração do movimento libertário na cidade, mas não pode ser refutado para um entendimento completo. BIONDI, Luigi. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. Tese de Láurea defendida junto ao Departamento de História Contemporânea da Università di Studi di Roma “La Sapienza”, 1993-1994.

33 TOLEDO, Edilene. *O Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. pp. 23-36.

Como dito, as perseguições policiais são um fator importante para entender a grande influência de tais periódicos. Os constantes empastelamentos e perseguições a militantes desde o final do século XIX e reforçados no período das greves, revelam o medo das classes altas do período do efeito da propaganda libertária no movimento operário.³⁴

Outra importante evidência da grande circulação que estes periódicos tinham entre o operariado, podemos destacar a própria quantidade de impressões. *O Palestra Social*, por exemplo, publicado entre 1900 e 1901, ofereceu uma tiragem de 1.200 nestes anos, e também o periódico *La Battaglia*, fundado em 1904, que ofereceu uma tiragem de 5.000 exemplares.³⁵

Junto a esses, não podemos ignorar a presença de periódicos socialistas como o *Avanti!*. Iniciado em 1901, o jornal italiano com colunas também em português, participou efetivamente do Segundo Congresso Socialista em São Paulo e também em inúmeras greves e manifestações.³⁶

Importante força de ação no período foi a criação das primeiras ligas operárias de bairro, na Moóca, no Belenzinho, no Cambuci e na Lapa.³⁷ Estas tinham como objetivo unir trabalhadores em movimentos de combate e de protesto contra a péssima qualidade de vida e em favor do melhoramento das condições de trabalho bem como a redução para uma jornada de 8 horas, pagamento semanal, a abolição do trabalho infantil e igualdade dos salários de homens e mulheres. Porém, a longo prazo, muitas dessas associações almejavam derrubar o sistema político, moral e econômico do período.³⁸

Várias greves importantes foram marcantes, como a de 1906 em Jundiaí sob a orientação da Federação Operária de São Paulo, ainda em fase de consolidação, que foi duramente reprimida e derrotada. Novamente em 1913 os trabalhadores contestaram a carestia de vida e em 1914 manifestaram-se contra o desemprego. Após isso, no período posterior, a Primeira Guerra Mundial que estimulava a procura de matérias-primas faziam os preços destes e dos gêneros alimentícios subirem novamente provocando

34 Ver SILVA, Rodrigo. As ideias como Delito: “A imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945)”. IN: DEMINICIS, Rafael; REIS FILHO, Daniel (orgs.). *Op.cit.* pp. 113-131.

35 LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Tese de Mestrado. São Paulo- Campinas: Unicamp 1999. p. 20.

36 DULLES, John W Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 25.

37 Ver FAUSTO, Boris. *Op. cit.* p. 203.

38 Para adentrar sobre o estudo da criação das ligas de bairro ver LOPREATO. *Op.cit.* pp. 95-99.

mais reivindicações.³⁹

Em 1917, o movimento operário parece tomar nova força na cidade. Uma série de greves parciais pelo aumento dos salários, comícios e piquetes começaram a se alastrar somados com a intensa propaganda de periódicos operários.⁴⁰

Levando em consideração tais afirmações, era clara, mesmo dentro do próprio período e entre muitos militantes, a necessidade da criação de um periódico que suprisse as necessidades reais desse momento decisivo e preciso na história do operariado. Sabendo disso, em junho de 1917, o militante anarquista Edgard Leuenroth, após um longo trabalho em inúmeros periódicos, publica estrategicamente o primeiro número de *A Plebe* em substituição de *A Lanterna*.⁴¹ Neste número, fica claro o intuito do periódico, enxergando as greves do período como resultado de anos de propaganda, e um ponto claro de organização entre os trabalhadores:

“Vai dando os seus resultados benéficos o trabalho de metodização do movimento libertário que há algum tempo se vem executando em São Paulo, no interior e em outros pontos do Brasil. Com grande satisfação constatamos isso, pois é uma obra cuja necessidade há muitos anos se fazia sentir.

A nossa propaganda vai, talvez, para mais de duas décadas que aqui se faz, com alguma intermitência, seguida, de quando em quando, de agitações populares ou de movimentos obreiros; até agora, porém, não se havia tentado dar corpo a esse movimento, coordenando os esforços, organizando os elementos dispersos aqui e ali, privados dos bons resultados consequentes da ação conjunta.

Esse é o trabalho que agora se esta tratando de levar a cabo, já se tendo a prova de que, com esforço e perseverança, bastante se poderá conseguir nesse sentido [...] E o que mais constitui motivo de animação é o apoio que vai recebendo, embora lentamente, como é natural, devido ás causas acima expostas, a *Alliança Anarchista*, constituída, não há muito tempo, em São Paulo, com o

39 Ver DULLES, John W Foster. *Op.cit.* pp. 38-40.

40 Acredito que tanto as condições econômicas dos eventos quanto a intensa propaganda dos militantes anarquistas e socialistas desde final do século XIX devem ser colocadas como fatores importantes para a compreensão dos eventos. Os argumentos posteriores neste trabalho terão esse viés. Ver: BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002. p. 355.

41 Periódico fundado em 1901 por Benjamim Mota, advogado e militante anarquista. Por meio deste atacava a Igreja e seus associados, um dos pilares da desigualdade na visão dos anarquistas. Em 1909, Leuenroth passa a dirigir tal jornal. OLIVEIRA, Walter da Silva. *Narrativas à luz de A Lanterna: anticlericalismo, anarquismo e representações*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2008. pp. 32-38.

fim de servir de traço de união entre as nossas diversas agrupações e os camaradas dispersos por ali além. São bons sintomas de um necessário e urgente despertar. Entretanto, muito mais se poderá conseguir, se todos os libertários que são bastante numerosos, se dispuserem a fazer algo, e desenvolver um pouco mais de atividade.”⁴²

Daí em diante, *A Plebe* assumiu, muitas vezes, o debate e a articulação central de tais greves e acontecimentos. O periódico foi fruto da própria agitação de 1917, que necessitava de um ponto claro de articulação e definição da situação.

A Plebe, que teve sua primeira edição em 09 de junho de 1917 e foi encerrado oficialmente apenas em 1949, viveu uma história atribulada, apresentava dificuldades financeiras por ser produto da ação de voluntários e além disso era alvo constante de perseguições policiais. Tais fatores fizeram com que o jornal muitas vezes cessasse sua circulação por determinados períodos de tempo, retornando algum tempo depois.⁴³ No início, seu principal editor era Edgard Leuenroth que contava com colaboradores bastante frequentes que já eram conhecidos em outros periódicos e eram militantes importantes. Podemos citar como exemplos principais Benjamin Motta, Isa Rutti, Astrogildo Pereira, Florentino de Carvalho, João Penteado, Andrade Cadete⁴⁴, Valeska-Mari, Gigi Daminani e Neno Vasco.

A Plebe contava inicialmente com recursos dos próprios redatores, mas, mais tarde, adotou a coleta de donativos voluntários como estratégia alternativa. Em outro momento, o periódico precisava se manter com recursos próprios, para isso dependia diretamente dos grupos de bairro, dos sindicatos e de garantir o número de assinaturas suficientes para se editar o jornal. Como resultado de seu esforço e articulações em 1919, *A Plebe* já contava com a tiragem de 10.000 exemplares.⁴⁵

O periódico *A Plebe* saía possivelmente aos sábados e apresentava quatro páginas que perpassavam por diferentes tipos de críticas em diversos setores da sociedade. Eram normais e frequentes o anticlericalismo, o antimilitarismo, a crítica à politicagem eleitoral e burguesa, a crítica à Primeira Guerra Mundial, crítica a

42 Leuenroth. “Vida libertária”. *A Plebe*. N.1. P.2. 9 de junho de 1917.

43 Ainda sobre a perseguição de anarquistas e outros militantes da causa operária e do periódico “A Plebe” ver Ody F. GONÇALVES. *Trajetória e ação educativa do jornal A Plebe (1917- 1927)* In: Revista de estudos da Educação, Quaestio, v.6, h. 2, UNISO, 2004 e CARNEIRO, Maria Luiza Tucci ; KOSSOY, Boris (org.). *A Imprensa confiscada pelo Deops: 1924-1954*. São Paulo: Ateliê Editorial: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Arquivo do Estado, 2003.

44 O. F. GONÇALVES. *Op.cit.* p. 5.

45 Idem. pp. 119-121.

periódicos burgueses, apoio à educação libertária, sistemático apoio a leituras e ao autodidatismo e também a citação da mulher como elemento importante na revolução. Como exemplo desse último tema, observe o artigo escrito pelo chamado “Centro Feminino – Jovens Idealistas”, onde as próprias mulheres mostravam sua força e faziam seu apelo para o operariado:

“O Centro Feminino – Jovens Idealistas do qual fazem parte algumas parentas dos operários presos e escolhidos pela polícia, para servirem de vitimas nos quais possa saciar o ódio que contra o povo nutre, só pede aos trabalhadores de São Paulo, por enquanto, uma coisa: que permaneçam unidos e firmes no seu proposito de fazer imperar a Liberdade e a Justiça. E de estarem atentos a primeira voz de alarme.”⁴⁶

No entanto, como visto, o principal tema fundamentador e que dava a consistência ao jornal era o incentivo e a cobertura a greves e comícios. O apelo às greves era o tema central e comum a todos os números de *A Plebe* durante o ano de 1917 e até mesmo depois. Um dos seus redatores Raymundo Primitivo Soares, sob o conhecido pseudônimo de Florentino de Carvalho, um dos maiores expoentes do anarquismo no período, explica a situação do momento no artigo “O porquê das greves”:

“O operariado realiza, portanto, uma obra justiceira conquistando pela greve ou outros meios de ação direta tudo quanto lhe é extorquido, roubado legal ou ilegalmente. E não devem perder esta ocasião favorável em que os colocou o incremento do trabalho, que evita em parte a concorrencial de braços. O movimento deve generalizar-se a todas as classes, alastrar-se por todo o país, afim de que as conquistas sejam mais rápidas e radicais.”⁴⁷

Os redatores do periódico enxergavam as próprias reivindicações como justas e encararam essa situação como única e importante do movimento operário e apelavam para que todos os trabalhadores participassem desta. Isso é evidente no primeiro número do periódico, no artigo intitulado “Ação obreira: o operariado de São Paulo parece despertar para a luta”:

46 “Manifesto do Centro Feminino”. *A Plebe*. N. 14. P. 2. 22 de Setembro de 1917.

47 Carvalho. “O porquê das greves”. *A Plebe*. N. 5. P. 1. 9 de Julho de 1917.

“A propaganda feita em numerosos comícios e em boletins não deixou de produzir o seu efeito, fazendo com que entre os trabalhadores, sujeitos agora, como nunca, a uma situação verdadeiramente intolerável, devido à ação aladroadada dos patrões, insaciáveis sangue sugas sociais, se comece a sentir a necessidade de agir contra os bandidos que, ao abrigo da lei, vivem a roubar o produto do seu trabalho insano. Alguns movimentos grevistas já se manifestaram ao mesmo tempo que se vai tratando de constituir associações de resistência e de acentuada luta social.”⁴⁸

É interessante notar que embora o periódico tenha uma clara consistência anarquista de revolução, almejava a reunião e ação dos trabalhadores independentemente de ideologia definida. Por isso, o periódico destinava, em quase todos os números, uma página intitulada *Mundo Operário* onde eram reunidas notícias, denúncias e conselhos dentro de ações envolvendo trabalhadores em São Paulo e em outros estados. Observe nesse convite a um comício no terceiro número do periódico:

“Convidamos, portanto a todos os operários e operárias adultos e menores e ao povo em geral a comparecer ao grande comício a realizar-se domingo, 24 do corrente, às 6 horas da tarde no largo São José (Belenzinho) para demonstrar que os operários grevistas não estão sós, que podem contar com o concurso de todas as classes trabalhadoras, de toda a população proletária. Companheiros: Este comício, com a presença de todos, deve ser um verdadeiro expoente da solidariedade operária, de todos os que tem sentimentos de justiça e aspirações de liberdade. Viva a solidariedade operária! Vivam as reivindicações populares! A Comissão Organizadora.”⁴⁹

É claramente perceptível que o periódico não almejava alcançar apenas anarquistas, seu discurso abrangia toda a classe trabalhadora e até mesmo todo o povo em geral em prol de um sentimento que reivindicavam, que na interpretação destes seria de justiça e liberdade.

Como mostrado, fica evidente, ao analisar o periódico, que não se pode negar a consistência anarquista contida neste. Observe neste excerto, a preocupação do periódico em justificar os significados e a importância da ideologia anarquista:

48 Leuenroth. “Ação obreira: o operariado de São Paulo parece despertar para a luta”. A Plebe. N.1. P.3. 9 de junho de 1917.

49 Leuenroth. “Mundo operário”. A Plebe. N.2. P.3. 23 de junho de 1917.

“Nascidos aqui ou além, estrangeiros em todas as pátrias, somos inimigos de todos os governos, de todas as classes privilegiadas e amigos de todos os povos, defensores de todas as vítimas.

Devido, portanto, a essa mentalidade nova, inteiramente liberta de preconceitos, graças ao caráter essencialmente universal da doutrina professada, os anarquistas, submetendo os próprios sentimentos ao império da razão, refletida e serena, falam da guerra e das causas que a provocaram como das responsabilidades diretas que na mesma tem os governos, sem se deixar arrastar por simpatias ou antipatias, que, dados os preconceitos ambientes e um exame superficial dos acontecimentos, podem parecer legítimas e de cuja sinceridade nem sempre é lícito duvidar.

[...] Aconteça o que acontecer, não devemos esmorecer, nem deixar-nos arrastar no vendaval que parece ameaçar a integridade e solidez da nossa construção doutrinária. Se há quem proclame a falência de nosso ideal e de todas as aspirações que o personifiquem, a verdade é que esta guerra traduz a derrocada de todas as doutrinas burguesas, morais, religiosas, sociais.”⁵⁰

Ao ler o periódico é perceptível, em vários momentos, explicações sobre o alcance e importância do anarquismo como teoria, movimento e ideologia em tópicos como “A Aliança Anarquista ao Povo” ou “Anarquismo”. O periódico, como visto, foi além e se ocupava em explicitar a ação e postura que os anarquistas deviam ter diante dos acontecimentos. Além disso, citações de teóricos e poemas anarquistas foram expostos frequentemente.

O periódico contava com essa estratégia fundamental, os redatores usavam como tática de propaganda, colunas com notícias do movimento operário de forma neutra, mas sem deixar de apresentar no mesmo número, muitas vezes, a teoria anarquista para organizar tais eventos e guiar a revolução almejada. Como mostrarei no trabalho, tal estratégia era resultado da própria teoria anarquista que não almejava alcançar apenas libertários, antes o projeto internacional destes era unir todo o povo incluindo a massa de trabalhadores, contra o sistema capitalista, considerado exploratório.⁵¹ Além disso, o periódico era fruto de uma realidade concreta e de uma articulação entre os redatores experientes e assíduos no movimento operário de São

⁵⁰ Leuenroth. “A aliança anarquista ao povo”. A Plebe. N.3 P.4. 23 de junho de 1917.

⁵¹ Sem negar, é claro, que haviam os anarquistas que eram contra a associação entre anarquismo e sindicato enxergando este como reformista e não revolucionário. Como exemplo do último, o periódico *La Battaglia* criticava sistematicamente a entrada nos sindicatos. Para uma melhor análise ver TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. pp. 41-54.

Paulo. No trecho extraído a seguir, o periódico no artigo “O proletariado” evidencia novamente a força e a importância da organização entre os trabalhadores em todo o Brasil:

“O clarim da liberdade ressoa por toda a parte chamando a postos os defensores da causa libertaria, da causa do povo. Do norte ao sul do Brasil, o movimento operário esta em plena atividade, cresce o número de sindicatos e associações de classe, bem como o número de aderentes. São frutos das ultimas agitações.

[...] Proletários! Uni-vos, agrupai-vos todos sob a mesma bandeira, certos de que a união vos dará a força e a vitória com a qual podereis quebrar para sempre a grilheta da miséria que nos escraviza.”⁵²

Se tal trecho fosse isolado, sem o conhecimento prévio de que se trata de um jornal anarquista, muitos concluiriam que as palavras expostas a seguir fariam parte de qualquer periódico operário ou até mesmo de qualquer livro de doutrinação socialista. Na verdade tal interpretação é um erro crônico que insiste em separar o movimento anarquista da história do Socialismo⁵³, ignorando que estes também, muitas vezes, inclusive no período, se consideravam parte das lutas concretas do movimento operário⁵⁴ como a própria fonte deixa evidente. Ou seja, não se trata de um erro dentro do jornal, desvio ideológico dos redatores ou da falta de um projeto político, antes faz parte de uma propaganda e estratégia entre os redatores a fim de despertar o anseio de liberdade entre os trabalhadores em geral.

Para isso, os militantes do jornal usavam vários termos e argumentos essencialmente “operários”, no intuito de trazê-los para uma luta efetiva. E é por isso que o periódico obteve uma grande circulação e era lido por muitos e variados tipos de trabalhadores e militantes do período.⁵⁵ Dessa forma, podemos concluir que *A Plebe* ultrapassou, muitas vezes, a ideia de ser um periódico apenas destinado a ser lido por anarquistas ou círculos que excluía a classe trabalhadora de lutas concretas, almejava

52 Vieira de Souza. “O proletariado”. *A Plebe*. N.9 P.2. 11 de agosto de 1917.

53 O historiador Hobsbawm deixou clara sua posição afirmando que o movimento anarquista nada acrescentou nas lutas socialistas. Ver HOBBSAWN, Eric. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. pp. 67-90.

54 Estudos recentes em nível internacional e nacional vem mostrando a importância do movimento anarquista nos movimentos sociais e dos trabalhadores. Ver SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009. P. 46.

55 Pretendo adentrar tal afirmação posteriormente.

ser um periódico principalmente operário e militante. Tal fato não o distanciava do anarquismo, uma vez que era apenas uma estratégia de militância e não uma recusa ideológica, essa tática já estava sendo usada em nível internacional.

Desse modo, para um entendimento assertivo sobre o periódico, acredito que não se pode analisar a ação educativa de forma isolada. As teorias, os acontecimentos, as condições sociais existentes e a cultura de classe dos trabalhadores foram pilares essenciais de transformação do periódico. Em contrapartida, as informações, conselhos e doutrinas de *A Plebe* trouxeram força ao movimento operário no período, participando e noticiando muitas greves, comícios e piquetes.

Por isso, ao invés de rotular previamente o periódico, na próxima parte do trabalho, pretendo buscar as próprias ideologias teóricas de influência para o jornal, podendo analisar dessa forma parte da mentalidade dos redatores do período. Após isso buscarei compreender os antecedentes da publicação de *A Plebe* para poder adentrar nas táticas de propaganda do periódico e na militância de seus redatores e associados.

Capítulo 2.

Em torno do jornal *A Plebe*: teoria e prática na criação de um periódico anarquista e operário.

2.1. Teóricos e ideologia: o projeto anarquista transnacional.

É fato que o termo anarquista foi muitas vezes associado à baderna, terrorismo ou apenas a um movimento de direitos individuais e antiestatistas. Por outro lado, muitos dos próprios anarquistas consideravam sua ideologia como uma evolução do espírito antiautoritário que se desenvolveu desde o início dos tempos.⁵⁶

Podemos afirmar que o anarquismo primeiramente nasce como uma ideologia⁵⁷ no contexto do século XIX envolvendo as lutas dos trabalhadores e da formação dessa classe frente à exploração econômica, moral e política do período. Tem como referência

⁵⁶ Ver BAKUNIN, Michael. “Deus e o Estado (1871)”. IN: *Textos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

⁵⁷ Aqui não utilizamos o termo ideologia no sentido marxista de mascarar a realidade, mas como um conjunto de ideias e valores que visam orientar comportamentos políticos coletivos associado tanto à ideia quanto à prática. Para adentrar sobre a discussão dos termos ideologia, teoria e estratégias que serão usados ver CORRÊA, Felipe. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: EACH – USP, 2012. pp. 81-147

e tradição muitas lutas anteriores como a Revolução Francesa e a influência de filosofias racionalistas como a de Hegel⁵⁸, mas na realidade é fruto de uma luta e uma condição material e política concreta.⁵⁹

São teóricos importantes como Bakunin e Kropotkin que foram responsáveis por elevar essas ideias ao patamar de teoria política⁶⁰ organizada e sendo influenciadores nos modos de organização e militância anarquista. Estes deram uma concepção multinacional clara e bem definida de revolução que corresponde a um socialismo revolucionário auto gestor. No geral, tem como objetivo a destruição do Estado, da Igreja e do capitalismo, e a defesa da liberdade coletiva e individual. Ou seja, a forma final de sociedade proposta pelos libertários seria a livre convivência de todos através de uma sociedade igualitária. Nesse sentido, a ação direta e a educação tem papel primordial para muitos anarquistas. No entanto, se houve coincidência entre os teóricos e militantes anarquistas sobre o objetivo final, houve divergências sobre as estratégias usadas. O termo anarquista, portanto agrega concepções de propostas táticas e reorganizações sociais diferentes: mutualistas, coletivistas ou comunistas por exemplo.

A Plebe é conhecido por ser um periódico anarquista de apoio aos meios sindicais e de ajuda fundamental na greve de 1917. Muitos concluem que o periódico se limitava a um rótulo anarcossindicalista por apoiar e citar os sindicatos como forma de mudança da sociedade. Tal termo foi muito confundido em muitos trabalhos sobre o anarquismo e movimento operário e não corresponde, na maioria das vezes, à realidade do movimento analisado.

Estudos recentes procuram desfazer tal confusão ou desconhecimento feito por boa parte da historiografia tanto brasileira como internacional. Por muito tempo, se convencionou separar dois grupos ideológicos distintos afirmando que o anarco-

58 Nesse sentido, é interessante notar a análise de Monique Barros: “Muito influi Hegel na sedimentação dos primados filosóficos anarquistas. Seu postulado “tudo que é real é racional”, permitiu aos jovens hegelianos afirmar que há possibilidade de se remodelar o mundo existente de modo que ele corresponde aos requisitos da Razão.” BARROS, Monique. *As mulheres trabalhadoras e o anarquismo no Brasil*. Tese de Mestrado. São Paulo- Campinas: Unicamp, 1979. p. 7.

59 Para adentrar a discussão do nascimento ideológico do anarquismo ver SILVA, Rafael Viana da. *Indelévels Refratários: as estratégias políticas anarquistas e o sindicalismo revolucionário no Rio de Janeiro em tempos de redemocratização (1946-1954)*. Monografia em História. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

60 Felipe Corrêa afirma: “A ideologia, essencialmente pensamento e ação, apresenta distintos elementos de ordem não-científica, como aspirações, valores, sentimentos, motivações, que impulsionam práticas políticas. A teoria, distintamente, relaciona-se com método de análise e busca elaborar instrumentos conceituais para conhecer a realidade em profundidade, tendo de fazer isso com a maior precisão possível, e buscando aproximar-se ao máximo da ciência”. CORRÊA, Felipe. *Op.cit.* pp. 83-84.

comunista era quem iria contra todas as associações sindicais e acreditava em uma revolução feita espontaneamente pelas massas. Nessa visão, o anarcossindicalista era quem apoiava a união dos sindicatos e o anarquismo, acreditando no poder das greves e das organizações operárias para se chegar à revolução almejada.⁶¹

Tal interpretação sugere pelo menos dois equívocos alarmantes quando confrontado com as teorias e o movimento anarquista em sua fonte primária. O primeiro é que o uso em nível estratégico dos sindicatos estava justamente em uma pauta de diversos anarco-comunistas. Segundo é que a associação ou não do anarquismo com os sindicatos concebe uma questão tática e não ideológica⁶². Ou seja, os dois grupos se consideram anarquistas, mais divergem sobre o caminho a ser seguido nessa questão específica dos sindicatos.

Além disso, a questão era bem mais complexa do que simplesmente dois grupos. De fato, existiam os anarquistas que aceitam a entrada nos sindicatos, porque o reconhecem como um espaço privilegiado para difundir as ideias anarquistas, mas não aceitam uma neutralidade política do sindicato. Ou seja, para estes os sindicatos deveriam conter apenas anarquistas (anarcossindicalismo) que seriam capazes, por possuir tal ideologia, de destruírem o sistema capitalista e político.

De outro lado, temos aqueles que declaravam ser contrários a qualquer tipo de sindicato, participavam e acreditavam juntamente como os outros anarquistas, em uma educação libertária para toda a população. Mas desconfiavam do caráter reformista que tal associação pressupunha e vislumbram um levante de massas. Por isso, muitos desses, se consideravam anarco-comunistas, de fato.

No entanto, a maioria dos casos no período é a existência daqueles que aceitavam o anarquismo como ideologia, mas, ao mesmo tempo, usavam na prática, o sindicalismo revolucionário, um espaço que seria diferente do anarcossindicalismo, pois aceitaria a ideia da neutralidade política do sindicato. Esses militantes faziam parte das ligas e federações junto com sindicalistas, socialistas e outros, reconhecendo o sindicato como o espaço da unidade dos trabalhadores, que seria, para eles, fundamental na construção da sociedade. Para esses anarquistas, o sindicalismo revolucionário seria uma forma para reunir trabalhadores de várias vertentes, podendo propagar sua teoria e

61 É o caso de SFERRA, Giusepina. *Anarquismo e Anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática, 1982.

62 Estudos recentes, inclusive em nível internacional, deixam evidente o projeto político anarquista em nível transnacional que apresenta bifurcações estratégicas na forma de luta entre os militantes. Porém, a divergência de estratégias e formas de atuação política não significa uma diferença ideológica entre anarquistas. Ver SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Op. cit.*,

concepção revolucionária entre eles e se chegar à revolução e também se consideravam anarco-comunistas.⁶³

Nesse sentido, considero assertivo e usarei os termos dados pelo historiador Alexandre Samis para agrupar tais anarquistas como *organizacionistas*, não necessariamente anarcossindicalistas, mas aqueles que acreditavam na entrada das ideias anarquistas no interior dos sindicatos como estratégia, e os *antiorganizacionistas* sendo contrários a tal associação, sendo que estes dois grupos eram anarquistas e muitos se viam inseridos em uma pauta anarco-comunista.⁶⁴

Mas para entender a criação do periódico estudado como parte de um movimento, a exposição de termos ainda não bastam, julgo ainda necessário mostrar resumidamente alguns dos principais teóricos que deram consistência em nível internacional do anarquismo.

Foi Proudhon, a partir de 1840, que sistematizou os primeiros elementos teóricos que seriam rebuscados mais tarde pelo anarquismo e que lançaria as bases para a luta contra o capital. O teórico mostrava sistemática oposição ao lucro e à exploração dos trabalhadores, bem como críticas à propriedade estatal e de terra. Era contra o capitalismo, mas também as ideias centralizadoras e estatais do marxismo. Pregava um direto controle dos meios de produção pelos trabalhadores. Para Proudhon, fábricas e outros locais de trabalho grandes poderiam ser administrados por associações de trabalhadores, operando diretamente com base nos princípios igualitários. O estado seria abolido e ao invés dele, a sociedade se organizaria por meio de uma federação de comunas livres. Por isso adotou o termo de *mutualismo* como nascimento de um amplo sistema econômico diferente do capitalismo e do comunismo que, a partir da reciprocidade de trocas, ao estabelecimento concorrencial dos preços justos e ao desaparecimento dos salários levaria a uma revolução econômica e conseqüentemente uma revolução social colocando fim à guerra entre as classes.⁶⁵

A partir da segunda metade do século XIX, Bakunin foi contra todos os sistemas de governo. Ampliou a crítica à moral burguesa e à Igreja e reforçou um dos pilares para os anarquistas: o antiautoritarismo. A forma de socialismo que Bakunin

63 Para adentrar no debate complexo sobre a entrada dos anarquistas no sindicalismo revolucionário Ver TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 299.

64 Ver SAMIS, Alexandre. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro*. Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em Dois Mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009. p. 161.

65 Ver PASSETI, Edson; RESENDE Paulo. *Proudhon*. São Paulo. Ática, 1986.

propunha era a condição na qual os trabalhadores poderiam administrar diretamente os meios de produção através de suas próprias associações produtivas. Por isso foi responsável por dar ao anarquismo o tom de movimento internacional levando suas teorias ao campo da ação, impulsionando o movimento ao campo socialista e incentivando não só trabalhadores, mas todas as massas para levantes e insurreições efetivas. Daí em diante, a ação direta foi um dos pilares essenciais do anarquismo.⁶⁶

Em setembro de 1864, Bakunin e seus adeptos participaram da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), também chamada de Primeira Internacional, organização que procurou unir vários grupos políticos revolucionários bem como sindicatos operários. Divergências entre Bakunin e Marx fizeram com que os anarquistas fossem vistos como subversivos ao bem da associação, mas tal fato não deixou de transformar tal evento em um ambiente de propagação e sistematização em nível internacional do projeto anarquista entre os trabalhadores e militantes operários libertários.⁶⁷

É interessante notar que a ideia de insurreição já estava fortemente presente nas teorias presentes, mas são autores como Kropotkin e Malatesta, os dois últimos conhecidos como teóricos anarco-comunistas, que dão um passo significativo nessa direção. Essa teoria influente no início do século XX foi fundamental e representava a corrente principal do anarquismo para os militantes e periódicos anarquistas no período. Piotr Kropotkin passou a escrever sobre a possível revolução em si mesma em mais detalhe do que o anteriormente feito por Proudhon e Bakunin. O teórico foi responsável em deixar evidente que o anarquismo não deve ser uma ideologia de direitos individuais, mas um modo de organização comunista. Dessa maneira, pretendia construir uma sociedade livre sem qualquer tipo de propriedade pessoal, sendo substituído pelo coletivismo sem a fase estatal. No anarco-comunismo a propriedade privada e o Estado seriam abolidos e a sociedade seria organizada através de federações de trabalhadores que gerenciariam a produção de modo socializado. A educação libertária, passada em forma de propaganda política, seria indispensável para resultar no levante de massas e para tal organização.⁶⁸

66 Ver BAKUNIN, Michael Alexandrovich. *Textos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

67 Para um estudo da AIT, bem como sua história e significados ver: ENCKELL, Marianne. “A A.I.T.: a aprendizagem do sindicalismo e da política”. *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. pp. 35-44.

68 Ver KROPOTKIN, Piotr Alekseevitch. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000.

Mas é Errico Malatesta, importante ativista anarquista italiano do começo do século XX, que também contribuiu para a sistematização das ideias anarco-comunistas e ampliou o anseio por uma revolução, propondo até mesmo um programa anarquista. Primeiramente fez uma crítica ao reformismo dos sindicatos, desconfiando da utilidade desta associação, mas a seguir o encara como meio possível para incentivar os trabalhadores para a revolução. Dessa maneira, também poderia impedir o avanço das ideias de sindicalistas reformistas e socialistas entre os trabalhadores.⁶⁹ Como complemento do argumento, observe a análise do historiador italiano Claudio VENZA:

“Parecia-lhe [para Malatesta] mais lógico e mais eficaz, do ponto de vista das possibilidades concretas de revolução social libertária, participar das lutas a partir do interior de um sindicato de massa que permaneceria independente de todo o partido político. Os anarquistas teriam podido propor ali métodos de iniciativa solidária e autogerida para preparar os trabalhadores à gestão da sociedade futura.”⁷⁰

Após esse breve balanço das ideias dos principais teóricos do anarquismo, fica evidente que a entrada de anarquistas dentro dos sindicatos ainda estava em uma pauta anarco-comunista, sendo impossível descontextualizar a entrada dos anarquistas como estratégia situada no início do século XX e portanto conhecida entre os leitores e militantes anarquistas mais assíduos. Além disso, a participação dos anarquistas nas greves entre os trabalhadores e sua união com estes tinha um objetivo final bastante claro. Era formar politicamente os trabalhadores sobre a necessidade de uma insurreição. Desse modo também, as greves reformistas eram muito criticadas pelos anarquistas presentes nos sindicatos.⁷¹ É necessário deixar evidente que as próprias teorias libertárias não eram vistas pelos anarquistas de forma longínqua e inatingível, mas enxergavam suas militâncias inseridas em um projeto transnacional.⁷² Ou seja, para

69 Ver o programa da União Anarquista Italiana : MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2000. p.7.

70 VENZA, Claudio. “O Anarco-Sindicalismo Italiano Durante o “Biennio Rosso” (1919-1920)”. IN: *História do Movimento Operário Revolucionário*. Op. Cit. p. 222.

71 Nesse sentido, Edilene Toledo afirma: “Muitas vezes, os anarquistas falavam de greve geral em termos similares aos sindicalistas revolucionários, mas continuavam agindo segundo as pautas anarco-comunistas. Pretendiam então preparar a revolução pela greve, mas não a greve de reivindicação que visasse a um aumento de salário ou a uma diminuição das horas de trabalho, mas a greve escola de dignidade e de luta, que desencadearia a greve revolucionária.” Ver TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p.126.

72 Ver TOLEDO, Edilene. “A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República”. In: FERREIRA,

muitos deles, suas ações não estavam apenas sendo inspiradas em ideologias utópicas, mas por um plano de transformação prático do sistema financeiro e moral do período.⁷³

A Plebe estava inserida nesse contexto, era escrito por militantes anarquistas que, sem sombra de dúvidas, eram leitores dos principais teóricos mostrados anteriormente e conhecedores do projeto anarquista em nível internacional.⁷⁴ O próprio periódico incentivava os trabalhadores a lerem os teóricos anarquistas e libertários em geral. Mas sem escapar da sua realidade, muitas vezes tinham que adaptar seu discurso ao proletariado de São Paulo.

Portanto, considero simplista e equivocado reduzir o periódico a um termo específico anarcossindicalista, como se tem feito. Dessa maneira, não podemos afirmar que o periódico apresentava uma ideologia distinta, mas estratégias diferentes no modo de organização, e era profundamente anarquista.

Outro equívoco observável em diversas interpretações, na realidade, é separar sistematicamente o movimento anarquista do movimento operário, afirmando que estes não tinham um projeto organizado, real e sistematizado entre os trabalhadores, possuindo como evidências os próprios periódicos dos anarquistas *antiorganizacionistas*.⁷⁵

Ao contrário, como mostrado, o movimento anarquista era forte no interior do movimento operário desde a Primeira Internacional⁷⁶. O fato de alguns anarquistas, como os responsáveis pelo periódico *La Battaglia* em São Paulo, criticarem a aproximação entre anarquistas e sindicatos não transforma a tendência *organizacionista* menos anarquista. Na realidade, os anarquistas que adentravam no sindicalismo revolucionário para disseminar suas ideias se viam inseridos em um projeto de Malatesta, tendo raízes na própria participação de Bakunin na Primeira Internacional, e muitas vezes não se limitavam a essa estratégia, consideravam a educação propagandística igualmente importante.

Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op. cit.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. pp. 57-62.

73 Ver ROMANI, Carlo. Oreste Ristori: Uma aventura anarquista. Campinas. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998. pp. 98-99.

74 Alguns militantes anarquistas e redatores do periódico também escreveram obras anarquistas. Um deles, Neno Vasco, em sua obra “Concepção anarquista do sindicalismo”, deixa claras suas influências quando aponta diretamente Errico Malatesta como o anarquista mais completo. Ver Vasco, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Edições Afrontamento, 1981.

75 BORIS, Fausto. *Op. Cit.*

76 Para um estudo da AIT, bem como sua história e significados ver: ENCKELL, Marianne. “A A.I.T.: a aprendizagem do sindicalismo e da política”. *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. pp. 35-44.

De outro lado, acusar periódicos *antiorganizacionistas* de não serem eficazes, propondo estratégias irreais, é um equívoco em mesmo nível. Uma vez que estes acreditavam em uma revolução social e não necessariamente política, propuseram atividades artísticas como teatros, criação de escolas e universidades racionalistas e práticas de leitura⁷⁷. Estes também estavam inseridos em um debate internacional inspirados em argumentos insurrecionalistas de Kropotkin e Malatesta em seu primeiro momento que desconfiava da aproximação exagerada com os sindicatos.⁷⁸

Não está sendo afirmado que o movimento operário deve ser resumido ao anarquismo e nem se pretende maximizar seus efeitos no período, uma vez que estudos mostram a liderança expressiva de socialistas e sindicalistas na construção de uma identidade operária e na participação destes em greves, manifestações e comícios.⁷⁹ Nem almejo adentrar a discussão sobre a autonomia ideológica ou prática do sindicalismo revolucionário, tal debate se apresenta como complexo e minha pesquisa não poderia englobar tais conclusões.⁸⁰ Mas, coloco em evidência aqui o fato de o anarquismo apresentar um projeto político importante, e longe de excluir os trabalhadores das lutas concretas do período, almejava trazê-los.

A partir da pesquisa realizada, é possível afirmar que nos três primeiros anos de sua existência, *A Plebe* apresenta artigos em sua maioria *organizacionistas*, mas também outros *antiorganizacionistas*, uma vez que tal periódico era resposta à *Alliança*

77 Para a afirmação desse argumento, muito contribuiu a análise de Gomes: “O que o projeto anarquista almejava era uma revolução social e não apenas uma revolução política. Daí o privilégio da educação entendida como ampla formação cultural. [...] E, por, esta razão não é casual também que os velhos militantes operários, anarquistas ou não, considerem até hoje que foi educando que os libertários mais contribuíram para a constituição da classe trabalhadora.” GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. P. 87.

78 Ver SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Op. cit.* p. 123.

79 Ver BIONDI, Luigi. *Op. Cit.* e BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O Movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

80 É consenso que o sindicalismo revolucionário defendia um sindicato contendo diversas orientações ideológicas e que os anarquistas adentravam neste exatamente para convencer outras vertentes de sua concepção revolucionária. O que está posto em questão com um debate muito complexo é o fato de o sindicalismo revolucionário especificamente em São Paulo, mas não apenas nele, ser uma ramificação do anarquismo ou um movimento autônomo em relação ao anarquismo ou socialismo. Historiadores como Michael Schmidt e Lucien Walt irão defender que o sindicalismo revolucionário em todo mundo é uma variação do anarquismo em nível estratégico e o fato de conter outros tipos de tendência ideológica neste se deve à própria tática dos anarquistas para tentar convencê-los. Pesquisas como a de Edilene Toledo irão contrapor tais pesquisas mostrando como em várias partes do mundo e em São Paulo, o sindicalismo revolucionário não pode ser resumido ao anarquismo ou socialismo. A autora defende que o sindicalismo revolucionário foi um movimento transnacional construído pela própria prática autônoma deste, também mostra militantes que eram considerados e se consideravam apenas sindicalistas revolucionários e divergiam das propostas anarquistas tanto *antiorganizacionistas*, mas também *organizacionistas*. Ver SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Op. cit.* e TOLEDO, Edilene. *Op. Cit.*

*Anarquista*⁸¹, que apesar de ter um fio condutor, era escrito por diferentes militantes redatores e colaboradores que divergiam sobre as estratégias para a transformação social. Mas é evidente que tal periódico em seu momento inicial tinha como meta predominante, pela própria situação histórica, a união com os trabalhadores e pela causa operária. Tal estratégia era não só influenciada pelos debates desde a Primeira Internacional e escritos de Malatesta, como exemplifiquei nessa parte do trabalho, mas como mostrarei mais tarde, uma resposta a lutas e articulações concretas na cidade em que militavam. O periódico em questão, no período estudado, predominantemente não apoiava um sindicato apenas de anarquistas, mas usava o sindicalismo revolucionário, que unia diversas orientações ideológicas, como estratégia para disseminação de seu projeto político entre estes trabalhadores. Ressalto que o fato do *antiorganizacionismo* ter voz no periódico não representa uma fraqueza ideológica desse grupo anarquista e muito menos enfraquece a estratégia organizacionista, mas revela a complexidade política e ideológica contida neste que não se resumia a uma única tática de propaganda para se chegar à sociedade anarquista.

É necessário ainda deixar evidente o tipo de associação trabalhista que *A Plebe* propunha no período. Percebe-se que embora cite as melhorias materiais que as greves tiveram, o periódico almejava verdadeiramente a destruição do capitalismo, Igreja e Estado por meio de uma efetiva insurreição. Logo imediatamente após a greve geral, o periódico publica sem rodeios o significado das greves para os redatores:

“O imponente movimento a que vimos de assistir evidenciou a necessidade de opormos a união sagrada dos burgueses e dos patriotas, que se enriquecem à custa do trabalho, a união sagrada dos esfomeados e explorados, rebelando-se contra a ganancia capitalista e contra todas as injustiças da sociedade burguesa[...]. Estamos assistindo ao parto de um mundo novo em que reinará a justiça social. Explorados da terra! Não desertéis do vosso posto de combate. Sois a vanguarda do grande exercito libertador que há de escrever a pagina iluminadora da redenção humana!”⁸²

Notamos que tal trecho foi escrito no auge dos movimentos grevistas, fato que explica a confiança nas greves como um anúncio libertador do sistema dominante no

81 Aliança que ocorreu no Brasil, visando a reunião de todos os tipos de anarquistas para trabalharem em conjunto. Mais tarde retornarei a importância desta. Porém, para uma análise sobre a *Alliança Anarquista* é importante rever seus principais pontos contidos no periódico 'Guerra Sociale'. A análise está na obra de Christina Lopreato. Ver LOPREATO. *Op.cit.* pp. 60-73.

82 Leuenroth. “União Sagrada” *A Plebe*. N.6. P.1. 21 de julho de 1917.

período. Esse fato explica também a esmagadora maioria das colunas do periódico neste período destinadas a mostrar a importância das greves. Mas é ainda interessante notar que tal tática de propaganda, que se transformava em uma estratégia de disseminação das ideias anarquistas, nunca deixou de sair do periódico em questão e mesmo em períodos posteriores é mostrado o real significado da greve geral e da associação entre trabalhadores para os militantes redatores do periódico: um anúncio de uma nova era.

É evidente que, em muitas vezes, são citadas as melhorias que as greves locais e a greve geral trouxeram para o trabalhador. Mas era sempre lembrado, a seguir, que as melhorias por si não bastavam. Por isso, os sindicatos reformistas começaram a ser criticados:

“Os operários devem estar acutelados contra as sociedades que se tentam fazer surgir ao lado das Ligas Operárias e dos sindicatos de classes com fins pouco definidos ou com um caráter estritamente corporativista e que entendem desenvolver a sua ação no limitado âmbito as paredes de uma fabrica[...]. Mesmo pretendendo-se tratar dos interesses de uma determinada categoria de trabalhadores, é absurdo sujeitar as suas associações ao corporativismo acanhado de cada fabrica e cada pessoa.”⁸³

O periódico apoiava sistematicamente qualquer tipo de greve e associação, afirmando que mesmo se fossem derrotadas, ampliava o debate contra o capitalismo, mas ao mesmo tempo denunciava os perigos de organizações hierarquizantes que estavam fora da ótica da libertação dos trabalhadores. Além disso, também instrua os trabalhadores a não ceder a qualquer chantagem. Observe no trecho a seguir:

“Toda a greve operaria é justa, pois os trabalhadores, ao declara-las, têm em vista melhoras as suas condições econômicas, sempre precárias e protestas, ao mesmo tempo contra a tirana capitalista. Os anarquistas o que fazem – e fiquem-no sabendo as colegiais do "Estadinho"⁸⁴ – é aconselhar aos grevistas o emprego da ação direta e a não darem ouvidos tanto às petas⁸⁵ da imprensa como às petas dos patrões. Daí o seu ódio, o seu rancor contra os iconoclastas que trabalham e se esforçam para abater esta carcomida caranguejola, que se chama a ordem burguesa, da qual perdem os pupilos do “Estadinho” são os

83 Bittencourt. “Cuidado trabalhadores”. A Plebe. N.10. P.1. 18 de agosto de 1917.

84 Periódico do período.

85 História enganosa.

últimos e enfezados rebentos.”⁸⁶

Com efeito, é possível afirmar que o periódico *A Plebe* estava dentro de uma ótica transnacional anarquista do período, trazendo os trabalhadores em geral para a ação direta e assim disseminando sua propaganda política para estes.

Porém, como consequência dessa tática e estratégia, suponho que muitas vezes o periódico em questão, como mostrado nos trechos a seguir, usava termos como “operários” e “trabalhadores” unidos para um fim comum. Também destinava todos os números a uma página chamada “Mundo Operário” com notícias e informes grevistas tais como reuniões e comícios entre os trabalhadores, independentemente da corrente política a qual estavam associados. O periódico almejava a união de todos os tipos de ideologia entre os trabalhadores e por isso tinha cautela em usar sistematicamente um rótulo anarquista, queria superar esse rótulo para ser porta-voz dos trabalhadores em geral. Tal tática de propaganda, que não era única, mas predominante no período é a chave para o entendimento do periódico neste período estudado e que dá consistência a sua militância operária.

Nesse sentido, é perceptível que em 1919, em um contexto de intensa repressão sobre o movimento operário⁸⁷, o periódico em questão reforçou não apenas o desejo da união de todos os anarquistas, mas de todas as tendências ideológicas e políticas entre os trabalhadores. Tal tática de propaganda, surgida desde a fundação do jornal, tomava forma e contornos mais precisos quando Gigi Damiani⁸⁸ escreveu:

“Será possível a concentração de todas as forças proletárias para um fim único de imediato alcance? Anarquistas, socialistas, sindicalistas poderão constituir um único organismo revolucionário sem que haja na luta dispersão de energias ou esforço contraditório? [...].

Sim, é possível, desde que não haja equívocos. Ontem era lícito discutir sobre parlamentarismo, salários mínimos, propaganda pelo fato, ação direta e insurreccionalismo. E era lícito, também traçar contornos indefinidos de uma sociedade longínqua. Hoje o problema é bem diverso. Passou-se a época dos discursos e chegou a hora dos fatos. Quem possui raciocínio e não vive na lua,

86 Joly (pseudônimo). “Nota simples”. *A Plebe*. N.4. P.4. 30 de junho de 1917.

87 CAMPOS, Cristina Hebring. *O Sonhar Libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas-SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. p. 26-56.

88 Gigi Damiani teve uma forte militância em São Paulo antes de ser expulso em 1919, voltando para a Itália. Ver BIONDI, Luigi. “Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil”. In: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *Op. Cit.* p. 159-179.

deve confessar a si mesmo que os fatos, na sua maturação, exigem uma concepção positiva do que se deve fazer[...].

Anarquistas, socialistas, sindicalistas somos todos pela socialização imediata da propriedade. E se o somos todos hoje, não vamos agora discutir porque ontem não o éramos todos. Seria ocioso. Hoje a um ponto, e essencial, no qual anarquistas e socialistas (refiro-me aos socialistas que creem no socialismo e não nos cataplasmas em pernas de pau) encontramos-nos sob o mesmo ponto de vista.”⁸⁹

O militante anarquista Gigi Damiani, muitas vezes conhecido pelo pseudônimo de Simplício, nascido na Itália, e militante em São Paulo, reforçou claramente o anseio pela união dos trabalhadores contra o sistema capitalista.⁹⁰ Essa tática presente no jornal desde o ano de seu nascimento foi reforçada drasticamente no período.

Dessa maneira, entendo que o periódico *A Plebe* não era limitado unicamente por teorias, mas pela prática do próprio movimento do período.⁹¹ Dessa maneira, buscar os acontecimentos locais na criação de *A Plebe*, ou seja, como o periódico estava inserido historicamente na realidade concreta dos militantes, se torna um passo essencial para o entendimento deste. Tal fato será apresentado no tópico a seguir.

2.2.

Os antecedentes práticos e locais na criação de *A Plebe*: *A Lanterna*, *Guerra Sociale* e *Alliança anarquista*.

O primeiro fator para analisar a prática na criação de *A Plebe* é rever a história do periódico *A Lanterna* dito como seu antecessor. Acredito que estes dois periódicos tem mais em comum do que simplesmente serem dirigidos por Edgard Leuenroth. Dessa forma, em uma análise precisa, muito do que tal militante escreveu em *A Plebe* foi treinado e aperfeiçoado anteriormente em *A Lanterna*.

89 Damiani. “Pela concentração dos partidos proletários”. *A Plebe*. N. 6. Ano II. P.4. 29 de março de 1919.

90 É interessante notar que Damiani já utilizava tal tática desde 1904, quando passou a acreditar na união de diversas tendências esquerdistas e anarquistas para a revolução almejada. Ver BIONDI, Luigi. “Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil”. In: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *Op.cit.* pp. 169-173.

91 Edilene Toledo afirma: “Aqueles que se convertiam ao anarquismo nas várias partes do mundo se reconheciam em um projeto internacional comum, embora, em cada país, os trabalhadores utilizassem a linguagem e a ação do anarquismo como resposta a seus problemas e preocupações concretos.” TOLEDO, Edilene. “A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República”. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op. cit.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 57.

Como já mostrado, o projeto anarquista sistematizado no século XIX e com uma clara consistência no início do século XX não visava criticar apenas o capitalismo. Sua proposta também era advertir a massa para a mudança da sociedade contra um mundo que eles consideravam dominado pela ignorância. Para grande parte dos anarquistas, a educação e a construção de uma nova moral eram pilares essenciais para a formação de uma nova sociedade de justiça e igualdade. Nesse sentido, a crítica dirigida à Igreja era essencial no discurso destes. Em São Paulo, o periódico *a Lanterna*⁹² fundado por Benjamin Mota, um militante anarquista, advogado e jornalista que desde 1901 foi um dos representantes dessa crítica onde são só atacava as ações da Igreja que consideravam hipócrita e responsável juntamente com o capitalismo e com o Estado pela desigualdade social, mas também defendia a politização de trabalhadores e da massa em geral.⁹³

É interessante notar que sua primeira fase, de 1901 a 1904, não reunia apenas anarquistas. Suas críticas ao abuso moral e financeiro das autoridades religiosas faziam com que muitos anticlericais em geral, como maçons, espíritas, socialistas e simpatizantes lessem o periódico. Observe o tom de sua crítica a seguir:

“É na exploração dos crentes, é na opressão das classes, é na especulação, é no ataque às liberdades públicas e é no obscurantismo que ela encontra os mais sólidos alicerces de seu poder: os seus representantes fazem da Igreja um negócio e do altar um balcão.”⁹⁴

Em 1909 é Leuenroth⁹⁵ que passa a publicar *A Lanterna* continuando as críticas

92 *A Lanterna*, periódico anarquista, anticlerical e apoiador do sindicalismo não apresentava apenas uma crítica à Igreja. Também já apresentava apoio ao autodidatismo e à ação direta. *A Lanterna* começou a ser publicado sob a direção de Benjamin Motta (também redator de *A Plebe*) em 7 de março de 1901, desapareceu em 1904, voltou no período de 1909 a 1917, sob a direção de Edgard Leuenroth. Depois em 1933 e 1953 voltou a ser editado. Ver FIGUEIRA, Cristina Aparecida. “A Trajetória de A Lanterna – Anticlerical e de combate (1901- 1917): um lugar de memória da propaganda social anarquista”. In: _____. *O cinema do povo: um projeto de educação anarquista (1901-1921)*. Tese de mestrado. São Paulo: PUC, 2003.

93 Para uma análise detida de *A Lanterna* ver OLIVEIRA, Walter da Silva. *Narrativas à luz de A Lanterna: anticlericalismo, anarquismo e representações*. Tese de Mestrado. São Paulo: PUC, 2008.

94 BISTORI. “A Lanterna em Jacarehy”. *A Lanterna*. São Paulo, 6 de agosto de 1910. p.03. Citado em Oliveira, Walter da Silva. *Op.cit.* p. 39.

95 Biografia feita a partir das obras KHOURY, Yara Aun. “Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil”. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op. Cit.*; _____. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária imprensa, memória e militância anarco-sindicalista*. São Paulo: USP, 1988. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e NOBRE, Freitas. *Leuenroth - personagem que escreve*. In: A organização dos jornalistas

à Igreja, mas amplia notícias de pautas operárias e a realização de uma propaganda política destes através do periódico. De um lado, continuando suas críticas, não distanciava os anticlericais em geral da leitura, de outro, aproveitando que *A Lanterna* tinha bom alcance, ampliava sua propaganda política pela causa operária, esperando educar politicamente seus leitores ou trazer um público maior para a ação direta.

Para tal, Leuenroth cria a coluna *Vida Operária* em 1911 destinada a discutir e noticiar os problemas envolvendo trabalhadores bem como suas pautas em greves e reivindicações. Tal fato fez com que o periódico ganhasse mais importância em meio ao operariado. Observe o tom de urgência que Leuenroth expõe na nova fase do periódico:

“Urge, portanto, que os interessados, os trabalhadores e o povo em geral se agitem em defesa dos seus interesses, única maneira de serem respeitados os seus direitos à vida.

[...] É necessário agir prontamente, vir à praça pública protelar contra este insustentável estado de coisas.”⁹⁶

Outra importante ação destinada à causa operária nessa fase era a coluna *De porta da Europa* assinada por Neno Vasco por correspondência. As notícias do movimento operário na Europa vinham com uma perspectiva revolucionária:

“Os grevistas falam francamente em *guerra de trabalho*; e com igual franqueza os diretores da indústria declaram não ceder por uma questão de princípio. Estamos chegados – proclama um deles – a um momento, na historia da humanidade como na das nações, em que não é possível continuar no sistema das concessões, mas sim entregarmo-nos à sorte das grandes batalhas.”⁹⁷

O tom de urgência e de constante luta e transformação estava sendo usado desde o início da primeira década do século XX. Mas é em 1917, momento que parecia ser decisivo pela condição urgente e pela retomada da força do movimento operário, Leuenroth substituiu *A Lanterna* por *A Plebe* aumentando ainda mais as pautas operárias e sua propaganda política. No primeiro número do periódico, Leuenroth não negou que deveria ser continuada a crítica à Igreja, ponto central do periódico que o precedia, mas deveria a partir de então reforçar a crítica ao capitalismo e ao Estado para alcançar um

brasileiros - 1908-1951. São Paulo: Com Arte, 1987.

96 A liga popular contra a carestia de vida. “Contra a carestia da vida”. *A Lanterna*. P3. 19 de abril de 1913.

97 Neno Vasco. “Da porta de Europa”. *A Lanterna*. P.1 16 de setembro de 1911.

resultado efetivo:

“*A Plebe* como facilmente se verifica é uma continuação da *A Lanterna*, ou melhor dizendo, é a própria *A Lanterna* que atendendo a excepcionais exigências do momento gravíssimo, como nova feição hoje ressurgiu para desenvolver a sua luta emancipadora em um esfera de ação mais vasta, de mais amplos horizontes, com um integral programa de desassombrado combate a todos os elementos de opressão que sujeitam o povo deste país, como o de toda a terra, a odiosa sociedade vigente, alicerçada por toda a sorte de misérias e de violências.”⁹⁸

Leuenroth não queria romper com os antigos leitores do periódico, claramente anarquistas e anticlericais em geral, mas trazer e agregar mais críticas contra a dominação e exploração dentro de um contexto preciso. Também queria conquistar novos leitores e reformular o periódico considerando as condições sociais existentes.⁹⁹

Outro fator prático para entender a criação do periódico analisado é rever o projeto local no qual este estava envolvido. Em São Paulo, em outubro de 1916, constituíram a *Alliança Anarquista* a fim de reunir todos os anarquistas em prol de um plano comum. Essa aliança tinha como objetivo sistematizar a propaganda anarquista, dando força para a mesma. Deveria intensificar a propaganda libertária, reunir todos os anarquistas diversos, ativar a ação anticlerical, antimilitarista, combater a propaganda eleitoral e apoiar sistematicamente a ação direta. Também apoiar a organização de trabalhadores urbanos e rurais e fazer propaganda integral do anarquismo.

Um dos principais periódicos que tiveram destaque representando esse acordo, era o *Guerra Sociale*, periódico anarquista e publicado em língua italiana desde 1915. Tal periódico tomou a iniciativa de juntar as tendências anarquistas em São Paulo e propuseram tal aliança a fim de:

98 Leuenroth. “Rumo a revolução social”. *A Plebe*. N.1. P.1. 9 de junho de 1917.

99 Tais argumentos estão presentes na análise da ação educativa do periódico analisadas por Ody Gonçalves. O autor expõe: “A estratégia dos editores de *A Plebe* foi muito inteligente, pois, se por um lado era preciso garantir que o público leitor de *A Lanterna* continuasse lendo *A Plebe*, por outro, era preciso arregimentar novos leitores. Daí a aparente contradição de Leuenroth que por um momento afirma: “*A Plebe* é a própria *A Lanterna*”, e depois rompe completamente com o periódico anticlerical, afirmando que, além de *A Plebe* surgir com uma “nova feição”, possui uma “esfera de ação mais vasta”, de “mais amplos horizontes”. *A Plebe* surge, portanto, com o claro objetivo de ampliar o público leitor do jornal, tendo como principal preocupação deixar claro que a luta não era apenas contra o “obscurantismo intelectual e moral” produzido pela Igreja, mas que essa luta se estendia a todo e qualquer tipo de dominação e exploração imposta ao trabalhador.” GONÇALVES, Ody Furtado. *Op. cit.* p. 3

“...reunir numerosos camaradas que se encontravam dispersos por todo o país, vivendo na mais completa apatia por falta de coesão, de relações de solidariedade que deveriam existir perenemente, de maneira ativa e eficaz entre homens que sentem as mesmas aspirações, professam os mesmos princípios e lutam pelo mesmo ideal.”¹⁰⁰

O *Guerra Sociale* acreditava predominantemente no levante espontâneo das massas e sempre criticou a associação entre anarquistas e os sindicatos. Mas nesse momento preciso apostava na união das tendências anarquistas, a fim de adentrarem no meio operário, vislumbrando uma levante contra o sistema de dominação.¹⁰¹ Tal periódico teve bastante influência entre os trabalhadores italianos ou filhos destes, uma vez que era escrito em sua língua de origem.¹⁰²

Posteriormente, o periódico *A Plebe* apresentou o resultado quase direto dessa união. Logo nos primeiros números, justificava a importância da *Alliança Anarquista*:

A Aliança Anarquista, a qual aderiram mais de trinta organizações libertárias e de classe, além de um grande número de companheiros não organizados e que conta com a solidariedade de outros grupos anarquistas existentes nos Estados da Federação Brasileira, faltaria à sua missão se nesta hora angustiosa para todos, em que trágicos acontecimentos se anunciam, esquecesse que é nos momentos históricos que os partidos e os homens de ideia devem, a todo o transe, assumir responsabilidade dos próprios atos e proclamar sem vacilações, nem tibiezas, o que pensam e os ideais que professam, que dependem e pelos quais se batem.¹⁰³

É possível dizer que o periódico *A Plebe* estava dentro de um ideal anarquista

100 “Aliança Anarquista”. *Guerra Sociale*. P1. 30 de setembro de 1916. Citado em LOPREATO, Christina Roquette. *Op.cit.* p. 61.

101 É necessário deixar claro que a união de todos os setores esquerdistas e anarquistas também estava em uma pauta anarquista internacional tentada por Malatesta. Mas nesse momento, parecia tomar força e ser acreditada pelos anarquistas como Edgard Leuenroth. Ver Biondi, Luigi. BIONDI, Luigi. “Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiami no Brasil”. In: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *Op.cit.* p. 169.

102 Uma análise sobre a *Alliança anarquista* contida no periódico *Guerra Sociale* esta na obra de Christina Lopreato. Ver LOPREATO, Christina. *Op.cit.* pp. 60-73.

103 “A Aliança Anarquista ao povo.” *A Plebe*. N.3. P. 4. 23 de Junho de 1917.

multinacional que almejava a libertação de todos os setores da população e a destruição do sistema político e moral de dominação. Mas era também resposta a fenômenos locais e por isso foi necessário adaptar estratégias, essas já heterogêneas na Europa, a condições sociais e acontecimentos reais naquele momento.

O periódico em questão era resultado da estratégia preparada de forma diluída por Leuenroth em *A Lanterna* somado à união de diversas orientações anarquistas, proposta pelo *Guerra Sociale*. Assim nascia *A Plebe* para atender às agitações recentes, fornecendo uma orientação ideológica e prática para os trabalhadores no período.

No entanto, tais evidências não esgotam a criação prática do periódico, já que eram resultado também da militância de outros redatores, fato que irei mostrar mais adiante. Porém, antes disso e após esse balanço ideológico e prático para a criação de *A Plebe*, será necessário analisar o conteúdo do periódico para entender os tipos de argumentos e propaganda que os redatores usavam no período e se empenhavam no período de 1917 a 1919 para convencer seu leitor.

Capítulo 3.

Adentrando o jornal *A Plebe*: táticas de propaganda, articulações e militância anarquista em São Paulo.

3.1. Táticas de propaganda e articulações em *A Plebe*: 1917- 1920.

Foi dito anteriormente que o principal tema e estratégia que definia o periódico *A Plebe* em seu primeiro ano era a questão da greve. Porém, existiam muitas táticas diferenciadas mesmo dentro do jornal para apoiar e até mesmo para cobrir tal tema. Uma tática importante e constante do periódico era dar como exemplo aos trabalhadores a Revolução Russa:

“Na Rússia triunfou o princípio, a ideia, demonstrando ao mundo o que se pode fazer quando há uma vontade ao serviço da justiça. Não se apagou na Rússia o fogo sagrado, símbolo de reivindicações. Estrela fulgurante, raio vivíssimo de luz, porque os lutadores o alimentaram com a sua liberdade e com a sua vida, oferecendo o belo exemplo de serem mártires espontâneos. Um povo em revolta é um

povo forte que nada e ninguém pode abater, sim as suas aspirações se baseiam nos princípios da equidade social.”¹⁰⁴

Como visto, o exemplo da Rússia parecia exemplar para mostrar que as ações dos trabalhadores podiam ter resultado. Embora seja um exemplo de revolução com caráter estritamente socialista, os anarquistas do periódico usavam como exemplo ímpar de demonstração de liberdade.¹⁰⁵ Nesse caso, não se preocupavam com rótulos ideológicos, mas se voltavam para a ação e resultado de uma revolução feita por trabalhadores.

Nesse sentido, o apoio das greves pela comparação da experiência da Revolução Russa era de extrema importância para os redatores. Era fruto real das ações da massa de trabalhadores contra a burguesia e, portanto, argumento que não poderia ser ignorado dentro de um periódico voltado ao trabalhador.

Outra tática de propaganda importante no periódico era, muitas vezes, a própria referência e citação de teóricos anarquistas ou libertários, ou ainda a própria denúncia da condição de desigualdade ou de crimes pelo Estado. O objetivo final do jornal era convencer o leitor que era necessário participar das greves, comícios e piquetes do período. Mas ao incentivar a leitura, os militantes estavam levando em consideração o poder do autodidatismo na mudança da sociedade. Por isso, era comum o apoio à *Escola Moderna*. Um novo tipo de escola baseada na pedagogia racional libertária, livre dos dogmas da Igreja e do Estado:

“Aos homens de consciências libertas desse Estado já deve ter sido anunciada a organização nesta capital, duma Escola Moderna. É uma escola nas condições e como entendemos dever ser a que tem por escopo ministrar o ensino racional. Conseguindo manter-se durante mais de um ano, atravessando o período menos propício, é a escola destinada à longa existência, se circunstâncias poderosas não atuarem contra a sua estabilidade.

Anima-nos proclamar essa audaciosa asserção. Além das energias que

104 Leuenroth. “A alvorada da esperança”. A Plebe. N.7 P.1. 28 de julho de 1917.

105 Realmente no anos iniciais da Revolução Russa, muitos anarquistas ou militantes e trabalhadores com ideologias libertárias viam a experiência da Rússia como exemplar. A crítica ao Estado socialista (posta desde Bakunin na Primeira Internacional) será reforçada depois da visita da militante anarquista Emma Goldman em 1920 na Rússia. Ver LOBO, Elisabeth Souza. “Rússia 1920- Espanha 1938: Memórias de tempos sem perdão.” *Emma Goldman: a vida como revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1983. pp. 59-77.

saberemos, como até aqui, empregar para fazê-la viver.”¹⁰⁶

Para muitos dos redatores do periódico, a educação era um dos pilares para a nova sociedade. Por isso, apoiavam e noticiavam também a criação de escolas racionalistas em outros estados.

Como já citado, de mesma importância, era a participação da mulher nas reivindicações e na revolução almejada. Importantes militantes femininas também escreviam para o periódico, mostrando dessa forma, que a mulher também era apta ao trabalho de propaganda e participante da revolução. Isa Ruti e Valeska-Mari eram membros frequentes no periódico no trabalho de propaganda. Observe a força de contestação e a clara consciência de revolução anarquista no trecho a seguir, escrito por Isa Ruti:

“A teoria clerical manda demolir o que é novo se possível fosse, faria recuar a história para abater o progresso já atingido. A teoria anarquista manda destruir o conjunto dos males sociais, que possa impedir a perfeita elevação física e moral da humanidade; proclamando o direito que tem o homem à vida, rodeando do maior bem estar possível, enquanto, sobre, a terra, ele cumpre a missão que lhe impôs a natureza.

A teoria legislativa – para servir ao capitalismo- vai contra os princípios da natureza e contra o principal mandamento lei do seu próprio Deus, ordenando a destruição da humanidade!!

A teoria anarquista é subversiva? Não. Subversiva é a teoria capitalista, que se encerra no seu egoísmo, pouco se lhe dando que uma boa parte da humanidade viva na mais revoltante miséria!

A humanidade já não engole mais a pupila dos que dizem: ao rico fez Deus para mandar e ao pobre para servir.”¹⁰⁷

Durante a vida do periódico, as mulheres sempre mostraram papel importante tanto na visão delas como na visão de outros redatores.

De mesma importância, o anticlericalismo nunca foi descartado do periódico, mostrando que as críticas apresentadas no *A Lanterna* eram ainda importantes, pois a Igreja, para os redatores, ainda era um grande entrave para uma nova sociedade igualitária. Mas em *A Plebe*, a crítica foi ampliada atacando agora o militarismo, a

106 Cecílio Villar. “Pampeiro Rebelde”. *A Plebe*. N.1 P.3. 9 de junho de 1917.

107 Isa Ruti. “Ligeiros Confrontos”. *A Plebe*. N.15 P.3. 30 de setembro de 1917.

politicagem eleitoral e o patriotismo.

Para os anarquistas, o patriotismo nega o caráter internacional de revolução e nutre um sentimento falso de proteção ao Estado-nação que serve aos interesses da burguesia, resultando na exploração. Os anarquistas do período almejavam ir além de fronteiras definidas: seu projeto era unir todos os setores mundiais e, assim como o socialismo, os proletários de todo o mundo contra o capitalismo. É por isso que vão contra a inserção de qualquer país na guerra, enxergando este ato como servo do capitalismo, da tirania e da submissão:

“Quando dizemos estado, homem pobre, não nos referimos somente ao mundo oficial, mas, também, ao alto comércio, e aos detentores do capital, porque é da reunião de ambos, e do prestígio que reciprocamente se prestam que resulta a autoridade em virtude da qual trabalham para sustentar os que inutilmente trabalham também, e os que passeiam ou dormem.

Pois bem: o que parece lógico, o que seria equitativo, a verdadeira caridade a praticar-se na hora presente, seria, primeiro que tudo, um movimento geral de protesto, por parte de todas as nações do mundo, contra a impiedade, a barbaridade, a monstruosidade da guerra que ora devasta alguns dos países mais poderosos da Europa, e a cujos povos tanta conquista útil devemos.

Hoje, essas nações, que, por um modo tão horrível vem perturbar a marcha, mais ou menos regular dos fenômenos sociais, com exceção da Bélgica, perderam o direito ao título de civilizadas, desceram a um estado inconcebível de barbaria, atingiram um grau requintado de crueldade ao qual parecia impossível que o homem do século XX descesse, tão, iria, tão brutalmente.”¹⁰⁸

Para os redatores do periódico, os militares deveriam ser alertados sobre sua condição atual, que também era submisso aos interesses burgueses e do Estado. Essa seria uma importante ação para uma revolução efetiva:

“O soldado é do povo e com o povo sofre as consequências da má organização social. Vemo-lo no comprimento de suas tristes atribuições, obediente e submisso, sofrer os rigores das intemperes enquanto no seu lar a miséria domina, mantendo seus filhos mal educados e faltos na necessária educação.

108 Nathanael Pereira. “Hora Propícia”. A Plebe. N.4 P.3. 30 de junho de 1917.

[...] Urge intensificar a propaganda libertadora entre os que vestem farda, sendo de grande proveito à organização de grupos, com o fim de, por meio de modicas contribuições mensais, fazer no seu meio larga e constante distribuição das nossas publicações.

Se assim se proceder, conseguiremos formar uma consciência livre no soldado, apressando a vitória de nossas aspirações. Só então nos veremos livre, deste atmosfera de vilanias, de opressão e de crime em que nos mantém o capitalismo, estabelecendo um regime de felicidade para todos.”¹⁰⁹

Da mesma maneira, sob uma ótica visivelmente anarquista, os redatores aconselhavam seus leitores a se manterem longe da politicagem burguesa. Para eles, qualquer escolha eleitoral resultaria na dominação burguesa, na opressão e na miséria. Dessa maneira não viam a mudança da sociedade por vias eleitorais. No período em questão, a Primeira Guerra estava em curso e com isso uma sombra de dúvidas era lançada sobre a população, colocando em questão o destino não só do país, mas de todos os envolvidos. Parece que os redatores também aproveitaram muito desse fato e desse clima de dúvida para tentar convencer seus leitores. Desde o primeiro número era sistematicamente repudiado qualquer apoio aos conflitos e à entrada do Brasil na guerra.

Além disso, vale ressaltar que o uso de imagens e da poesia foi sistemático em todo o período analisado para convencer o leitor¹¹⁰. Em boa parte do periódico, na primeira página, era destacada uma imagem que representasse um dos temas apresentados. Além disso, também a imagem, sendo uma fotografia ou um desenho, representava um ponto alternativo para prender a atenção do leitor, ou para fazê-lo refletir:

109 Isabel Cerruti. “A propósito da atitude do grande órgão”. A Plebe. N.8 P.2. 4 de agosto de 1917.

110 Para entender a simbologia anarquista através das imagens bem como a importância da politização através destas ver VALCANTI, Breiner. “O anticlericalismo do jornal “A Lanterna” narrado através de imagens”. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo, julho de 2011.



Nessa imagem fica clara a crítica aos patrões e ao próprio capitalismo que para os redatores provém da exploração abusiva dos trabalhadores. As imagens eram grandes instrumentos de propaganda que por um lado facilitavam a compreensão do leitor e de outro simbolizavam contextos sociais em que os operários se reconheciam.¹¹²

No mesmo sentido estavam o uso de poesias, prosas ou apenas pequenas citações filosóficas. Eram usados sistematicamente como apoio importante à propaganda para o leitor, procurando fazê-los pensar sobre temas já apresentados. Observe nas poesias usadas pelo periódico, a seguir:

111 A Plebe. N.2 P.1. 16 de junho de 1917.

112 Essa análise já está claramente evidenciada também na obra de VALCANTI, Breiner. “O anticlericalismo do jornal “A Lanterna” narrado através de imagens”. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo, julho de 2011. pp. 1-5.

PATRIA

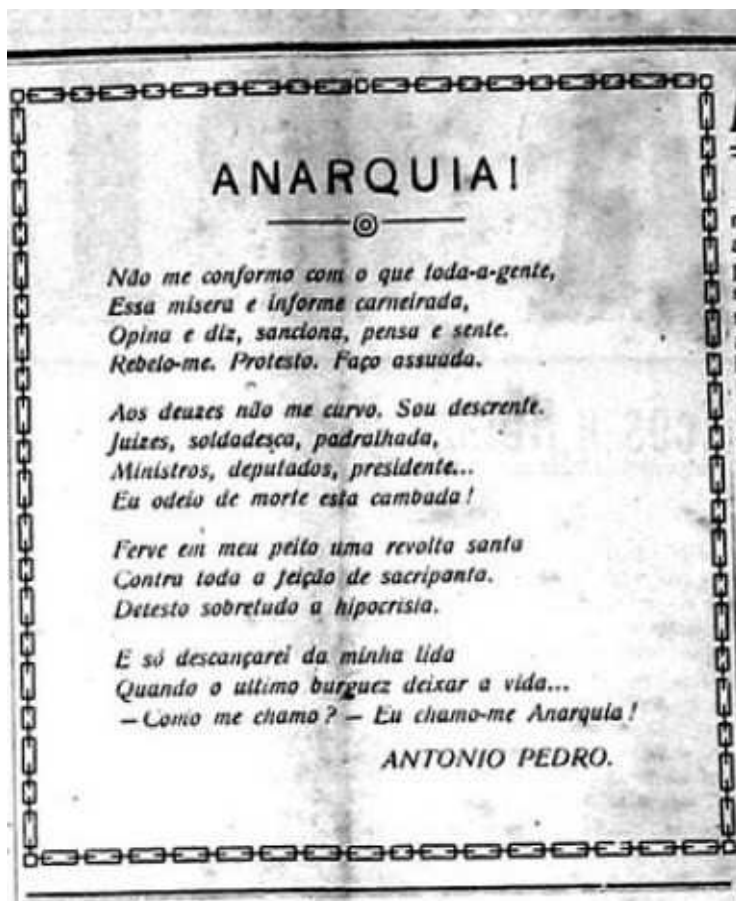
*Nasceu um dia a Pátria a segurar
A enverdeada flor da tyrannia,
E essa força que a fez, atim criar,
É mais um erro aberto á luz do dia!*

*É mais um erro! — Monstro a vomitar
Ondas de sangue e cólera sombria!...
— Para os famintos — multidão sem lar! —
A Pátria é zero — X — e Phantasia...*

*Por ella, sou herde no assassinio!
— Posso matar em ancias de extermínio,
— Posso roubar alitre ou furbundo...*

*Por ella, o odio immenso nas fronteiras,
— Simbolizado em todas as bandeiras —
Enche de dor o coração do mundo!*

Miranda Santos.



Fica evidenciado que a poesia busca complementar ou até mesmo figurar temas do periódico levando a uma maior reflexão do leitor. No primeiro tema, destaca-se a própria reflexão sobre a ideologia anarquista e sua função de protesto contra hierarquias e do incentivo à ação direta. No caso do segundo, fica evidente a necessidade para a reflexão do antipatriotismo, um dos principais temas entre os libertários, considerado tema importante para a libertação da sociedade.

Pelo árduo empenho dos redatores nesse período, buscando inúmeras táticas para mobilizar seu leitor a participar das reivindicações e greves ano de 1917, *A Plebe* foi um dos periódicos mais importantes na mobilização dos trabalhadores no período. Devido a isto e somado à participação dos redatores em comícios e manifestações, o periódico foi bastante perseguido pela polícia. Nesse sentido, o próprio periódico cita as perseguições de que eram alvos. Mais do que isso, as próprias fontes policiais e de outros periódicos não operários também evidenciam a intensa repressão aos militantes e

redatores.¹¹⁵

Em 30 de outubro de 1917, o jornal foi empastelado, os redatores foram perseguidos. Mesmo assim conseguiram publicar 17 números no ano. Em 1918 o periódico não circulou voltando em fevereiro de 1919 com uma nova contagem.

Do ano de 1919 a 1920 o tema das perseguições policiais foram fortemente destacadas. Muitas manchetes não possuíam assinatura e outros redatores como o próprio Leuenroth, usaram pseudônimos. Ressaltando o terror e os maus tratos que militantes e trabalhadores passavam quando confrontados pela polícia, era incentivada a união entre os trabalhadores para que estes fossem soltos:

“Urge, pois, desenvolver uma intensa agitação em prol da libertação dos companheiros presos. E caso não sejamos atendidos, se não conseguirmos deter a ganha reacionária de nossos inimigos, devemos levar a luta até às suas ultimas consequências, não nos restando outro recurso senão pregar a greve geral. Avante, pois!”¹¹⁶

Nos números que se seguem, o periódico continua sua crítica e seu apelo:

“Com suas perseguições inomináveis, o governo de São Paulo poderá assegurar-se uma estabilidade transitória mas que não durará muito porque não se pode impunemente calcar aos pés o direito de uma classe como a nossa, que é a que produz as riquezas e temos nas mãos a vida social.

As opressões irão acumulando rancores no seio dos oprimidos e esses rancores terão fatalmente de explodir em revolta, mais cedo ou mais tarde.”¹¹⁷

O exílio também era fortemente criticado, o apelo era para que trabalhadores e militantes voltassem para seu país.

Embora as greves já tenham menos força, a campanha pela associação e por reivindicações continua, mas dessa vez incluía também notícias envolvendo os trabalhadores em geral em São Paulo e até mesmo em todo o Brasil. Dessa maneira a página *Mundo operário* continuou por vezes a aparecer, o que evidencia que a greve

115 Ver LEAL, Claudia. *Op.cit.*

116 Cristovão Alba. A Plebe. “Defendamos os nossos camaradas presos”. N.7. Ano II. P.2. 5 de Abril de 1919.

117 A Plebe. “O fruto das perseguições”. N.Extra. Ano II. P.1. 22 de Novembro de 1919.

ainda era um ponto consistente para o periódico.

Além disso, a instrução para os trabalhadores tanto em leituras como na participação de atividades culturais foi continuada. Ao lado da denúncia das perseguições e o apoio às reuniões, esse foi um dos pontos primordiais que continuavam nesse nova fase do periódico que via apoio às leituras como ponto fundamental para construção de uma nova sociedade:

“Para desenvolver a cultura os Sindicatos terão escolas para adultos, com caráter preparatório, afim de que os indivíduos adquiram os conhecimentos necessários para desempenhar os cargos administrativos e delegações, para desenvolver com acerto a propaganda, forma de sustentar as discussões com boa norma e pô-las ao corrente de toda a legislação social e internacional, etc.

[...] Não há duvida. A inteligência, a verdade, a força e o número estão com o trabalho. Ele vencerá. O futuro pertence-lhe. Ainda bem.”¹¹⁸

Vale ressaltar que a educação por meio de leituras é um fator importante para os anarquistas em geral, que daria consistência a uma nova sociedade igualitária e moralmente autossuficiente. Mas, como visto, se convergiam sobre tal estratégia, divergiam sobre a posição grevista. O periódico teve a participação de redatores apresentando uma tendência de revolução negando as greves neste período. Observe no trecho a seguir:

“Não sou partidário da greve. Ela não produz senão resultados funestos para o próprio trabalhador. Ela não é estérea, improficua, como pretendem outros, pelo contrário é fecunda em frutos, mas em frutos amargos, que o próprio trabalhador quer queira quer não, esta obrigado a devorar.

[...] Preparando a Revolução. É o remédio, e o único remédio de por cobro aos desmandos desta vil burguesia, sempre sedenta de vítimas proletárias. Uma ideia no cérebro, uma carabina nas mãos e avante, trabalhadores, caminhemos para a conquista do comunismo anárquico. Suprema solução.”¹¹⁹

118 A Plebe. “A Escola Moderna ou racional”. N.54. Ano IV. P.4. 28 de Fevereiro de 1920.

119 Bastos. A Plebe. N.24 Ano II. P.2. 3 de Agosto de 1919.

É evidente que tais trechos evidenciam a adaptação dos argumentos entre alguns redatores visando necessidades concretas, pelo próprio momento de refluxo. Mas por outro lado, também mostra a heterogeneidade de táticas de propaganda dentro do periódico em questão, nesse caso, tentando atrair como leitor, os próprios anarquistas *antiorganizacionistas*, contrários ao sindicalismo.

Na verdade, a principal preocupação do periódico era favorecer argumentos para uma insurreição e a construção de um mundo novo. Isso pode ser feito pelo apoio às greves, ou pelo apoio a uma insurreição efetiva direta, porém o fio condutor do periódico estava em vislumbrar no fim, a libertação do sistema vigente.

Portanto, fica claro que o periódico, mesmo tendo uma ideologia anarquista clara continha diversas táticas e estratégias para convencer seu leitor e buscar adeptos na causa revolucionária libertária, já que era sempre seu argumento final na maioria dos casos. Mesmo apoiando greves por melhorias salariais, critica de forma sistemática o reformismo e qualquer sindicato de origem burguesa. É evidente que utilizava, na maioria das vezes, argumentos de anarquistas sindicalistas, uma corrente bastante forte entre os militantes do período e teve sucesso nessa empreitada, mas outras vezes insistia na educação do leitor a fim de mobilizar as massas (e não só os sindicatos) para uma revolução efetiva¹²⁰.

Em 1917, insistia no apoio à própria Revolução Russa e na crítica à Primeira Guerra, bem como mantinha o anticlericalismo e o antipatriotismo, também usava imagens e muitas vezes uma linguagem sistematicamente operária e por isso teve sucesso entre muitos deles. De 1919 a 1920, as perseguições policiais e o apelo para a volta dos exilados foram adicionadas com extrema relevância. Porém, o apelo para a reunião, à educação e para as reivindicações nunca foram retiradas.

Podemos entender que o periódico analisado teve sucesso porque era a união de diversas vozes que eclodiram junto às greves de 1917 a 1919 que tinham esperança de cessar as misérias que vivenciavam. A diversidade dos temas e táticas usadas e sua aproximação, em muitas colunas, com causas operárias faziam com que *A Plebe* se tornasse cada vez mais um símbolo de representação dos trabalhadores em geral, independente de rótulo, se transformando em sua principal estratégia (embora uma

120 Isso não quer dizer que anarquistas que adentravam nos sindicatos como tática ignorassem a educação como meio transformador da sociedade. Muito pelo contrário, a educação e o autodidatismo estavam tanto em uma pauta *organizacionista* como *antiorganizacionista*. É claro que não estava na pauta de todos os anarquistas desde sua origem (como os individualistas ou os que apoiavam a violência e a miséria como causadores de uma insurreição), mas estava em uma pauta anarco-comunista clara.

antiorganizacionista persistisse minoritariamente). Longe de ser uma coincidência, havia o trabalho de diversos redatores e colaboradores no periódico. Estes, além de terem uma participação na propaganda, também participavam na execução de suas ideias e das manifestações do período, sendo perseguidos e por vezes presos ou exilados.

É por isso que na próxima parte do trabalho, busco, por meio de biografias, problematizar e mostrar a complexidade da militância de alguns dos importantes redatores do periódico, evidenciando a visão de mundo que estes tinham, bem como seus projetos e como mostravam isso através dos números de *A Plebe*. Ou seja, para evidenciar que o periódico era fruto da militância concreta de seus redatores e que tais personagens são objetos de extrema relevância, apresento tais biografias neste capítulo e a seguir.

3.2. Militância e ação em *A Plebe*.

Se levadas em consideração as condições de criação e publicação de *A Plebe*, bem como seu sucesso entre os trabalhadores, Edgard Leuenroth¹²¹ realmente teve seu papel de destaque. Certamente Leuenroth foi um dos militantes mais importantes do período. Constantemente quando é mencionado sobre o periódico em questão ou mesmo sobre a greve geral de 1917 muitos têm a primeira imagem deste importante ativista que através de seu trabalho de propaganda através de periódicos juntamente com sua militância em passeatas e comícios deixou um rastro marcante no movimento operário e na imprensa de São Paulo no período em que viveu.

Leuenroth sempre teve sua vida vinculada ao jornalismo e ao movimento operário. Nasceu em 1881 na cidade de Mojimirim, interior de São Paulo, filho de um farmacêutico. O pai era um imigrante austríaco. Aos cinco anos de idade, após o falecimento de seu pai, mudou-se com sua mãe e irmãos para a capital. Passando por dificuldades financeiras, abandonou os estudos para trabalhar. Com 15 anos começou a trabalhar como tipógrafo para o periódico *O Comércio de São Paulo* onde teve contato

121 Biografia feita a partir das obras KHOURY, Yara Aun. “Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil”. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op. Cit.*; _____. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária imprensa, memória e militância anarco-sindicalista*. São Paulo: USP, 1988. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo..

tanto com o jornalismo como com os problemas sociais da capital. Um ano depois, funda seu primeiro jornal chamado *O Boi*, anticlerical e que apoiava o livre pensamento. Mais tarde, em substituição deste fundou *A Folha do Brás*, ampliando suas críticas aos problemas envolvendo os trabalhadores no bairro onde residia. Foi também fundador de diversas entidades vinculadas à imprensa como o *Centro Typographico de São Paulo*, a *União dos Trabalhadores Gráficos*, a *Associação Paulista de Imprensa* e a *Federação Nacional da Imprensa*.¹²²

Daí em diante passou sua contribuição a toda a cidade e teve seu contato com militantes anarquistas com quem publicava diversos periódicos como *O Alfa*, *Folha do Braz*, *A Terra Livre*, *A Lucta Proletária*, *A Guerra Social*, *O Povo*, *A Capital*, *A Lanterna* e outros.

Com isso e aproveitando as reivindicações dos trabalhadores no período bem como a situação crítica da política do período, Leuenroth lançou, em substituição do periódico anterior, *A Plebe*.¹²³ Como analisado anteriormente, o periódico era a própria expressão dos problemas naquele momento, sendo principal noticiador dos mesmos. Além disso era um resultado da chamada *Alliança Anarquista* visando tanto uma união dos anarquistas em geral para um bem comum quanto para convencer o povo, entre eles os trabalhadores, para a destruição do sistema de dominação capitalista.

Acompanhando a trajetória de Leuenroth¹²⁴ é notório que o militante sempre esteve em meio às pautas dos trabalhadores e ao mesmo tempo havia trabalhado com importantes militantes anarquistas como Benjamin Mota, Neno Vasco, Gigi Damiani. Assim obteve um bom contato com essa ideologia perceptível desde os primeiros periódicos com que estava envolvido. Com efeito, tinha consciência empírica tanto dos problemas dos trabalhadores e suas pautas de reivindicações quanto das propostas dos anarquistas naquele momento.

Em *A Plebe*, Leuenroth fez isso muito bem, de um lado podia noticiar os acontecimentos envolvendo trabalhadores em São Paulo e outros Estados, e de outro ampliava sua crítica ao capitalismo, Igreja e Estado visto por ele e pelos redatores do periódico como nocivos e causadores das injustiças sociais. Também poderia reunir diversos anarquistas militantes como redatores possibilitando criar um periódico exemplar de educação libertária e ao mesmo tempo porta-voz dos próprios acontecimentos do período.

122 Idem. P. 119.

123 Idem. p. 120.

124 Para mais informações da biografia de Leuenroth ver NOBRE, Freitas. *Op. Cit.*

Além de ser o criador e principal redator do periódico, a principal contribuição de Leuenroth foi nunca deixar de se preocupar com as pautas de reivindicações dos trabalhadores escrevendo sempre a coluna “Mundo operário” e assim incitando-os a se mobilizarem para melhorarem as suas condições. Mais do que isso, almejava que os trabalhadores se rebelassem contra a tirania do Estado e de seus chefes participando de greves e a partir disso fossem adeptos de uma insurreição:

“Vem este jornal ser um eco permanente das lamentações, dos protestos e do conclamar ameaçador dessa *Plebe* imensa que desde os seringais da Amazônia aos pampas sulinos, em terra, no mar, nas escuras galerias do subsolo, nos ergástulos industriais ou nos ínvios sertões vive sempiternamente a mourejar em condições de escravos modernos, para manter na opulência os ladrões legais que aqui, em má hora, viram a luz do dia, ou, como aves de rapina, aportaram de outras paragens.

[...] Urge, portanto, prosseguir na obra dos abnegados de outrora para que, quando além das fronteiras convencionais ruir fragorosamente o arcabouço apodrecido do regime social dominante, também o povo desta terra, no arrebol de um novo e sublime 13 de Maio, conquiste a sua alforria derradeira, fazendo com que o Brasil, passando a pertencer a todos os seus habitantes, a todos proporcione a vida folgada e feliz que a exuberância trabalhada de suas riquezas naturais permitem. E com esse objetivo que vem lutar *A Plebe*.”¹²⁵

Leuenroth não só teve papel na propaganda como jornalista, mas participou das reivindicações, engrossando fileiras nas passeatas de ruas.¹²⁶ Assim, representava uma ameaça para autoridades e empregadores do período e é por isso que no mesmo ano foi preso passando a ser tema de muitas colunas que incitavam o trabalhador a lutarem em defesa de militantes presos. Nesse período, Florentino de Carvalho procurou manter a publicação de *A Plebe*.

Na estreia de *A Plebe*, Leuenroth por meio de correspondências, tentava manter contato e unir importantes anarquistas que não estavam no Brasil. Um deles foi Neno

125 Leuenroth. *A Plebe*. “Rumo à Revolução Social”. N.1 Ano I. P.1. 9 de Junho de 1917.

126 É assertiva a análise da autora Yara Khoury quando diz: “Leuenroth, como integrante do movimento anarquista, fez de seus jornais veículos de militância; investindo na construção da “revolução anárquica”, lutou contra o poder instituído e contra todas as formas de dominação e exploração que identificava na sociedade, propondo a ação livre e direta de todas as pessoas.” KHOURY, Yara Aun. *Op.cit.* p. 118.

Vasco¹²⁷ que já tinha papel importante na história do anarquismo dentro da imprensa e do movimento operário do país.

Gregório Nazianzeno de Vasconcelos (nome verdadeiro de Neno Vasco) nasceu em Portugal em 1878 e com oito anos de idade vem para São Paulo com sua família. Volta para seu país de origem para concluir seus estudos em bacharel em direito. Após isso, em 1900, começa a se envolver com atividades militantes denunciando as arbitrariedades da polícia e a escrever em periódicos republicanos. Mas é com sua volta a São Paulo em 1901 que tem contato com militantes anarquistas e com a obra de Errico Malatesta.¹²⁸ Daí em diante, Vasco passa a apoiar o sindicalismo como tática importante entre os anarquistas para a construção de uma nova ordem. Para ele, era um erro separar o anarquismo do movimento operário bem como tentar dissociar a união dos dois movimentos. Vasco escreve em sua obra:

“Se procurarmos, não as origens filosóficas do ideal anarquista, nem a filiação do sentimento libertário nas revoltas e aspirações populares do passado – porque isso perde-se vagamente na noite dos tempos – mas sim no aparecimento dum movimento anarquista definido, do anarquismo operário com todas as características essenciais que tem hoje, vamos encontrá-lo sindicalista antes do termo, no seio da Internacional e das associações internacionais que Bakunin foi o principal inspirador, fundindo e vivificando as ideias marxistas com o pensamento de Proudhon e dos socialistas franceses.”¹²⁹

Como meio indispensável e historicamente situada, o anarquismo deveria se associar com os trabalhadores a fim de conscientizá-los para a libertação deles próprios e de toda massa contra o sistema opressor. Vasco continua:

“Para alcançar essa organização social, (como qualquer outro fim já realizado ou a realizar), é indispensável uma ativa e grande obra de propaganda e organização. Nela estamos empenhados. Como para todos os partidos que têm um ideal a realizar, os nossos inimigos são a

127 Biografia feita a partir de SAMIS, Alexandre. *Op.cit.* Lisboa: Letra Livre, 2009.

128 Ver SAMIS, Alexandre. *Idem.*

129 VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo.* Edições Afrontamento, 1984. p. 75

ignorância das massas, a sua destruição é a força material da burguesia constituída em Estado (com ou sem aparência popular).”¹³⁰

Visando a propaganda libertária, Vasco participou da edição do periódico *O Amigo do Povo* em 1902 onde teve importante destaque. Tal periódico foi um dos mais importantes jornais anarquistas até então que abria uma discussão com o movimento operário influenciando e participando de muitas reivindicações do período.¹³¹

Em *A Plebe*, Leuenroth é também influenciado por esse militante à medida que também apoiava o diálogo real entre anarquismo e movimento operário e da mesma maneira participava em reivindicações do período. Através de correspondências, Leuenroth pedia conselhos para Vasco, que anos antes havia militado em São Paulo, mas havia regressado para Portugal. Antes de morrer, em 1920, contribuiu em diversos números de *A Plebe*.

Realmente, a estratégia de Neno Vasco e Leuenroth de inculcar o anarquismo entre os trabalhadores foi a principal corrente entre os militantes anarquistas do período.¹³² Como vimos, essa foi uma das razões do sucesso do periódico *A Plebe*, pois visava, além de educar o trabalhador para a causa libertária, ser porta-voz da necessidade destes.

No período, alguns desses anarquistas acreditavam no próprio exemplo da Revolução Russa, como vimos, como exemplo a ser seguido entre os trabalhadores. Um desses foi Astrojildo Pereira¹³³ conhecido por mais tarde fundar o então Partido Comunista do Brasil, o PCB, em 1922. Antes disso, Pereira foi um importante militante anarquista. Nasceu em 1890 e logo aos 16 anos começou sua militância quando apresentava oposição contra a Igreja e a hierarquia. Depois das greves de 1906, fez uma viagem à Europa onde amadureceu suas ideias.¹³⁴

Pereira também sempre teve contato com os trabalhadores, sendo um organizador do segundo Congresso Operário Brasileiro. Além de militante, também era jornalista e foi um dos mais assíduos colaboradores em *A Plebe*. Sua maior contribuição para o

130 Idem. p. 66

131 Ver TOLEDO, Edilene. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.

132 Ver SAMIS, Alexandre. *op.cit.* p. 161.

133 Biografia feita a partir de LENA JR, Hélio de. *Astrojildo Pereira: um intransigente libertário (1917–1922)*. Dissertação de mestrado. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 1999.

134 LENA JR, Hélio de. *Idem. pp. 10-28*

periódico foi salientar o exemplo da Revolução Russa para os trabalhadores almejando uma insurreição baseada em uma realidade não utópica, mas concreta, visando destruir o sistema de opressão. Em uma carta criticando o periódico *Imparcial*, Pereira defendeu sua posição:

“Em meados de 1871, Bakunin o grande revolucionário russo, depois de assistir ao esmagamento da Comuna de Paris pelo governo de Versalles, em nome da "ordem", em nome da "liberdade disciplinada sob a autoridade”, escrevia as palavras de fogo que adiante copio, Sr. Redator, pedindo-lhe que as leia e medite sobre elas, porque elas é que estão com a verdade implacável da historia.

Eu sou brasileiro e sou contra a guerra e aplaudo pois, os revolucionários, o povo russo, que a não quer mais. E louvo, de todo meu coração, a "desordem" atual da Rússia.”¹³⁵

Além de mostrar sua clara influência anarquista através da teoria de Bakunin, Astrojildo contextualizava as necessidades e reivindicações e apoiava um acontecimento preciso entre os trabalhadores. Essa tática foi importante dentro de *A Plebe*, muitas manchetes focaram no apoio à Revolução Russa como movimento inspirador para as greves de 1917. Focando em algo real, fazia militantes de outras orientações bem como trabalhadores em geral lerem o periódico.

A união com os trabalhadores e o apoio às greves embora sejam os principais temas do periódico não eram os únicos de importância. Um tema bastante recorrente e que dava consistência a *A Plebe*, era o apoio à educação e ao autodidatismo. Tal apoio se dava desde o apontamento para a leitura pessoal de obras libertárias até a campanha da Escola Moderna¹³⁶, a primeira escola racionalista de São Paulo.

Como foi dito, era comum entre os anarquistas acreditarem que uma educação em bases racionalistas para toda a população traria uma atitude revolucionária a estes. Por isso, a propaganda para a reflexão racionalista deveria inculcar em todos uma nova moral, com a qual o clericalismo e a religião fossem extirpados, bem como inculcar a

135 Carta ao *Imparcial*. 18-11-1917

136 Para mais dados sobre a criação da Escola Moderna e para a construção da biografia de João Penteador Ver PERES, Fernando Antônio. Revisitando a trajetória de João Penteador: o discreto transgressor de limites. São Paulo, 1890-1940. São Paulo: 2010 . Tese de doutorado.

ciência e o progresso em detrimento da ignorância das massas existente devido, na interpretação dos anarquistas, ao próprio sistema exploratório e alienador do capitalismo.”¹³⁷

As escolas racionalistas, criadas nessa forma, estavam sendo pauta da discussão de anarquistas no Brasil desde o começo do século XX e já tinham sido apoiadas por importantes periódicos como *A Lanterna*.

Em *A Plebe*, o principal representante dessas questões era João Penteado. Tal militante foi um dos principais pedagogos libertários em São Paulo. Nasceu em 1876 em Jaú, interior do estado. De uma família humilde, teve seus conhecimentos obtidos através do autodidatismo. Mais tarde foi selecionado via concurso a lecionar em sua cidade e em outras o ensino de primeira letras. Teve seu contato com as ideias anarquistas quando participou da organização dos protestos contra o fuzilamento na Espanha do pedagogo anarquista Francisco Ferrer, o elaborador da Escola Moderna, tendo sido indicado como orador do Centro Operário daquela cidade.¹³⁸

Mudou-se para a capital em 1912 onde se aproximou dos círculos anarquistas, tendo contato com importantes militantes como Leuenroth e Florentino de Carvalho. Com estes, fundou a primeira Escola Moderna em solo brasileiro no bairro paulistano do Belenzinho. Desde sua fundação, a Escola Moderna nº 1 teria Penteado como seu diretor e professor, escolhido em Maio de 1912. A partir daí foi modelo e inspiração para outras escolas racionalistas em São Paulo.¹³⁹

Além de pedagogo, também participou de periódicos, e em *A Plebe*, teve participação exemplar em defesa de sua visão de mundo que buscava a educação racionalista como força motora de transformações sociais. Veja nesse trecho onde o militante exalta o exemplo de teóricos libertários como papel de educadores:

“[...] Agora, si quisermos falar de acontecimentos mais recentes, basta lembrarmos-nos de Leão Tolstói, o Cristo moderno, cujas palavras são o evangelho da redenção humana; de Kropotkin, o genial cientista e escritor que tem abalado os preconceitos sociais com suas produções literárias sobre sociologia; de Pietro Gori, o ilustre italiano cujo entusiasmo liberal se manifesta em seu verbo fluente e iluminado e em suas belas joias literárias. Entre estes, também, podemos incluir o nome de Francisco Ferrer, o grande herói, cujas últimas expressões

137 Idem p. 14.

138 Idem .p. 138-149.

139 Idem .p. 138-149.

foram: “Viva a Escola Moderna”. E com isso, fez que se lhe ajustasse bem o conceito do poeta: “Quem na luta caí com glória. Tomba nos braços da História.”¹⁴⁰

Fica evidenciado que Penteadado considerava a leitura dos teóricos que pregavam o racionalismo como indispensável. Cita teóricos racionalistas diferentes para mostrar a contribuição destes para diversas áreas de aprendizado. O militante faz comparações para destacar a importância dessas teorias como quando compara a obra de Tolstoi com o próprio evangelho. Também destaca as ideias anarquistas de Kropotkin revelando suas contribuições à sociologia e também a importância do anarquista Pietro Gori para a literatura. Termina citando Ferrer, sua maior inspiração e fundador da Escola Moderna colocando no patamar importante personagem histórico.

A Plebe além de contar com Penteadado como redator de temas que visavam à educação dos trabalhadores e da massa em geral, também fazia intensa propaganda da Escola Moderna no final dos periódicos:

de integra justiça, a paragem de...
8 horas de trabalho, de prima- nientes não só ao organismo dos
cial importância para o opera- trabalhadores como também ao

desperdi
Assim
fundam
rariado
mal de
uando-s
paula
até que
finalme
Const
o dimi
meira
de hori
sentido.
tução
cyclone
sa a ce
phalan
riqueza

Escola Moderna N. 1

Instituto de Instrução e Educação para menores e adultos de ambos os sexos

Aulas diurnas e nocturnas

Ensino theorico e pratico, segundo os metodos da pedagogia moderna, com os quaes se ministra aos alumnos uma instrução que os habilita para o inicio das actividades intellectuaes e profissionais, assim como uma educação moral baseada no racionalismo scientifico.

CURSO PRIMARIO — Rudimentos de Portuguez, Arithmetica, Calligraphia e Desenho.

CURSO MEDIO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Principios de Sciencias, Calligraphia e Desenho.

CURSO ADEANTADO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Noções de Sciencias Physicas e Naturaes, Historia, Geometria, Calligraphia, Desenho, Dactylographia.

Para as alumnas haverá tambem trabalhos manuaes: costura, bordado, etc.

Aulas diurnas

Horario: das 11 1/2 ás 16 1/2 (das 11 1/2 da manhã á 4 1/2 da tarde).

Mensalidades: Curso primario ou medio, 4\$000; curso adeantado, 6\$000.

Aulas nocturnas

Horario: Das 19 ás 21.

Mensalidades: Curso primario ou medio, 5\$; curso adeantado, 7\$

Avenida Celso Garcia, 262 - Belemzinho - S. Paulo

A revi
numero,
mente
Andrade
pouco
nelle ex
Dispen
as nece
confian
cia dos

Ca
Alfr
= Av
Mat
Eis
maia
Gene

141

A Plebe foi um dos principais divulgadores da Escola Moderna que teve seu apogeu de frequentadores no mesmo período. Por isso, além das pautas de apoio a

140 João Penteadado. “Ferrer”. *A Plebe*. N.18 Ano I. P.2. 21 de Outubro de 1917.

141A *Plebe*. N.12 Ano I.P.4

greves fica evidente que o periódico foi além e era um importante meio de apoio ao autodidatismo da população como papel importante na construção de um novo sistema.

Importante participação tiveram as mulheres na publicação do periódico analisado. Uma delas, Isabel Cerruti participou intensamente nas publicações deste bem como nas greves do período. Imigrante, provavelmente italiana, veio ao Brasil nos seus primeiros anos de vida e desde a adolescência já se aproximava dos temas libertários. Proferiu conferências, falava em comícios públicos e fez parte da *Liga Feminina Internacional* e no *Centro Educativo Feminino*. Embora sempre defendendo a posição da mulher, acreditava que a libertação deveria ser total e humana e portanto via os homens libertários como aliados em sua luta.¹⁴²

Sendo visivelmente uma militante anarquista, Isabel não defendia governos políticos, liberais ou mesmo socialistas. Mostrava o anseio de libertação em todos os níveis. Criticar políticos e incentivar os trabalhadores a desacreditarem nas eleições foi uma das principais contribuições de Isa Rutti para *A Plebe*:

“Alerta, proletários! Não vos deixeis iludir pelos longos, intermináveis e saporíficos discursos do candidato crônico à presidência da República.

Ruy não é, nunca foi amigo dos humildes, dos trabalhadores que lutam e sofrem em troca de um miserável pedaço de pão.[...] Para ele, a questão social se resume em meia dúzia de leis, que não seriam cumpridas e no direito que continuariam a ter os governantes de esmagar com o chanfallo policial ou sob as patas dos cavalos, as reivindicações dos explorados, de todos que só vivem do trabalho dos seus braços.”¹⁴³

Revelando a militância de alguns dos redatores do periódico é perceptível que *A Plebe* era resultado de um trabalho em equipe e que visava um resultado prático e real. É possível afirmar que diferentes táticas anarquistas rodeavam o período, isso reafirma a complexidade histórica em que os militantes estavam envolvidos. Porém, sendo escrito e criado em um momento preciso e com um objetivo final em comum entre os redatores é possível dizer que *A Plebe* é a própria expressão do desejo ímpar que os redatores

142 Biografia realizada a partir de DIAS, Mabel. *Mulheres anarquistas: o resgate de uma história pouco contada*. João Pessoa: Imprensa Marginal, 2002. p. 27.

143 Isa Rutti. “O Sr. Ruy e a Questão social”. *A Plebe*. N.6 Ano II. P.1. 29 de março de 1919.

tinham de transformar o mundo a partir dos acontecimentos que viviam bem como das leituras que faziam.

Conclusão.

O periódico *A Plebe* foi um dos mais importantes periódicos na segunda década do século XX na mobilização operária de caráter anarquista, tendo seu marco inicial na referida e conhecida greve geral de 1917. O motivo de seu nascimento reflete um momento preciso como estratégia de ação de um grupo de militantes que almejavam usar o jornalismo como meio de educação libertária para os trabalhadores, bem como noticiarem os próprios acontecimentos envolvendo a referida greve. Nesse sentido, a análise das táticas de propaganda, das estratégias contidas neste e da mentalidade de seus redatores se mostram essenciais para o entendimento de grande parte da mobilização operária em São Paulo nesse período.

Podemos concluir que o periódico *A Plebe* estava inserido em uma realidade concreta e que almejava ser um método efetivo de representação e educação dos trabalhadores do período. Ao mesmo tempo, era fruto de uma teoria e ideologia política transnacional que nasceu como forma de luta contra a exploração do sistema capitalista na Europa no século XIX. Denominado anarquismo, foi um importante pensamento e forma de ação no combate contra a exploração da população nas mãos do chamado sistema burguês.

Desse modo, nos seus primeiros anos, *A Plebe* era um periódico escrito por militantes anarquistas veteranos em reivindicações em meio ao proletariado de São Paulo. Ao mesmo tempo, estes eram leitores assíduos de teóricos anarquistas e almejavam construir seu método de propaganda e ação através dessas influências, adaptando muitas vezes tais ideias a necessidades reais.

Dentro do periódico, na maioria das colunas, visavam usar o anarquismo para convencer e aproximar a massa de trabalhadores para a participação em manifestações, greves e reuniões. Tal tática, que se transformava em uma estratégia no jornal, visava uma insurreição que acabaria com o sistema político, econômico e religioso do período, visto como exploratório pelos anarquistas.

Mas, como vimos, os temas utilizados eram bastante diversos como o repúdio à Primeira Guerra Mundial, à politicagem eleitoral bem como à Igreja, ao capitalismo e ao patriotismo. Apoiavam e tinham como exemplo prático a Revolução Russa, também incentivavam o autodidatismo através da leitura pessoal de teóricos revolucionários e da divulgação da *Escola Moderna*, uma alternativa à educação vista pelos anarquistas como contaminada pelo capitalismo e pela Igreja. As mulheres também tinham voz ativa no período e participavam como redatores e às vezes como objeto do discurso. Como complemento, os redatores faziam uso de imagens e poesias para representar ideias e ativar a reflexão do seu leitor sobre determinado assunto. O argumento final sempre era buscar o incentivo à participação de reivindicações, comícios e greves, almejando uma insurreição efetiva.

Por isso, embora fosse um periódico de representação operária muito importante no período, usando diversas vezes uma linguagem que o identificasse dessa maneira, mostrei que não é possível categorizar o periódico *A Plebe* em um rótulo anarcossindicalista. A associação com os sindicatos que o periódico propunha juntamente com socialistas e sindicalistas era o sindicalismo de orientação revolucionária. Por isso, preferi o termo anarquista e apresentando artigos *organizacionistas* em sua maioria, mas também *antiorganizacionistas*, uma vez que tal periódico era resposta à *Alliança Anarquista* e portanto escrito por diferentes militantes redatores e colaboradores que divergiam sobre o meio usado para a transformação social. De fato, é certo afirmar que predominantemente o periódico *A Plebe* fazia parte de uma estratégia anarquista transnacional importante do início do século XX que tentava unir trabalhadores para a destruição e mudança do sistema em que viviam. Nesse viés, o reformismo era algo criticado e a ideia de revolução era posta em evidência. A entrada das ideias anarquistas nos sindicatos era vista apenas como uma tática pela maioria dos redatores, colocando tais colunas em uma pauta anarco-comunista.

No entanto, outras táticas eram usadas pelos redatores como apoio a atividades culturais, ao autodidatismo da massa em geral, a escolas racionalistas e negação das vias eleitorais ou da própria Guerra Mundial até mesmo táticas, que também se conformavam como uma estratégia política e de propaganda na trajetória anarquista, visando o apoio a uma insurreição fora de uma ótica puramente operária, essas reforçadas a partir do contexto de 1919. O argumento final era convencer seu leitor a

participar da construção de um novo mundo onde seriam destruídos o capitalismo, a Igreja e o Estado, dessa maneira sendo influenciado diretamente por teóricos como Malatesta, Kropotkin e Bakunin.

Acredito que, muitas vezes, as colunas destinadas aos trabalhadores davam sinais de superação de um rótulo anarquista definido e como mostrado, usava termos como “operários” e “trabalhadores” unidos para um fim comum. Também destinava todos os números a uma página chamada *Mundo Operário* com notícias de greves, reuniões, comícios entre os trabalhadores, independente de sua tendência política. O periódico almejava a união de todos os tipos de ideologia entre os trabalhadores e por isso alguns redatores tinham cautela em usar sistematicamente um rótulo anarquista, queriam superar esse rótulo para unir trabalhadores em geral. Consideramos que tal fato foi decisivo para a popularidade do periódico.

Dessa forma, pelo menos nessas colunas, *A Plebe* ultrapassava a ideia de ser um periódico apenas destinado a ser lido por anarquistas. Esses redatores almejavam criar um periódico principalmente operário que era lido por trabalhadores, militantes e pessoas em geral que viam o periódico como representante direto dos acontecimentos do período e por isso se tornou completamente efetivo em comícios, greves e reuniões entre os trabalhadores de São Paulo. Ou seja, o projeto político desse grupo de redatores anarquistas não pode ser minimizado ou inferiorizado quando se refere à organização trabalhista, ao contrário, muitas vezes tomou frente nas manifestações do período.

Mais do que isso, *A Plebe* teve sucesso porque era o resultado de diversas vozes que eclodiram junto às greves de 1917 a 1920. Isso se deve ao formidável trabalho e empenho de determinados redatores militantes em cobrir o movimento operário e as greves tornando este um dos principais periódicos operários do período. A tendência *antiorganizacionista* ou aqueles que visavam uma educação libertária em primeira instância, também tiveram papel relevante, representando outra parcela de militantes e operários contrários à importância primordial das greves.

Dessa maneira, os redatores militantes anarquistas, através do periódico, se aproximavam dos trabalhadores e militantes em muitas das suas vertentes, almejando que esses se aproximassem do anseio que tinham por um mundo completamente liberto e novo.

Fontes.

Periódicos lidos (Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP):

- *A Plebe*. São Paulo. Ed. Edgard Leuenroth. 1917-1920.
- *A Lanterna*. São Paulo. Ed. Benjamin Mota e Edgard Leuenroth. 1901, 1909-16.
- *Guerra Sociale*. São Paulo. Ed. Angelo Bandoni. 1916-17.

Correspondências, boletins e exposição fotográfica. (CEDEM - UNESP e Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP).

Correspondência de Astrojildo Pereira. Cópia de uma carta enviada ao "Imparcial".
18-11-1917.

Correspondência de Astrojildo Pereira. Para "Voz do Povo":

- 1-6-1920.
- 1-7-1920.
- 6-8-1920.
- 28-09-1920.
- 19-10-1920.

Boletim da Escola Moderna:

- 13-10-1918.
- 05-01-1919.
- 18-03-1919.

Boletim do Terceiro Congresso Operário: São Paulo-1920.

Exposição anarquista (fotos de militantes digitalizadas).

Textos das teorias anarquistas.

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. *Textos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

_____. *Federalismo, Socialismo, Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988

KROPOTKIN, Piotr Alekseevitch. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____. *A conquista do pão*. Portugal: Guimarães, 1975.

_____. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____. *Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Cortez, 1989

PROUDHON. “A propriedade é um roubo”. In: PASSETI, Edson ; RESENDE, Paulo. *Proudhon*. São Paulo: Ática, 1986.

VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Edições afrontamento, 1984.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Raquel. *A resistência anarquista: uma questão de identidade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O Movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre(orgs). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BARROS, Monique. *As mulheres trabalhadoras e o anarquismo no Brasil*. Tese de Mestrado. São Paulo- Campinas: Unicamp 1979.

BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas de classe. Os processos de organização*

política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920). Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

_____. *La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915*. Tese de Láurea defendida junto ao Departamento de História Contemporânea da Università di Studi di Roma “La Sapienza”, 1993-1994.

Cadernos AEL – *Anarquismo e Anarquistas*. Campinas: Unicamp, 1998.

CAMPOS, Cristina Hebring. *O Sonhar Libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas-SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

CHACON, Vamireh. *História das Ideias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CORRÊA, Felipe. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: EACH – USP, 2012.

DE DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Indústria, trabalho e cotidiano. Brasil – 1880-1930*. São Paulo: Atual, 1991.

DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *História do Anarquismo no Brasil (volume um)*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

DULLES, John W Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo: Difel, 1977.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889- 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Maria Nazaré. *A Imprensa Operária no Brasil: 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida. “A Trajetória de A Lanterna – Anticlerical e de combate (1901- 1917): um lugar de memória da propaganda social anarquista”. In: _____. *O cinema do povo: um projeto de educação anarquista (1901-1921)*. Tese de mestrado. São Paulo: PUC, 2003.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GONÇALVES, Ody Furtado. *Trajetória e ação educativa do jornal A Plebe (1917-1927)* In: Revista de estudos da Educação, Quaestio, v.6, h. 2, UNISO, 2004.

GORDON, Eric Arthur. *Anarchism in Brazil: theory and practice, 1890-1920*. Louisiana, 1978.

HALL, Michael. *Imigrantes na cidade de São Paulo*. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. V. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____; PINHEIRO, Paulo. “Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle.” *Coleção Remate de Males*. n 5, 1985. P. 96-120.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, Nem patrão: Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1981.

HAUPT, Georges. “Por que a História do Movimento Operário?”. In: *Revista Brasileira de História*. n. 10, 1986.

História do Movimento Operário Revolucionário. São Paulo: Imaginário, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KHOURY, Yara Aun. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo: Cortez, 1981.

KHOURY, Yara Aun. *Edgard Leuenroth: Uma voz libertária imprensa, memória e militância anarcossindicalista*. São Paulo: USP, 1988. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Tese de Mestrado. São Paulo- Campinas: Unicamp 1999.

_____. *Pensiero e Dinamite: Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890*. Tese de doutorado. São Paulo- Campinas: Unicamp, 2006.

LENA JR, Hélio de. *Astrojildo Pereira: um intransigente libertário (1917–1922)*. Dissertação de mestrado. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 1999.

LINDEN, Marcel van der. "História do Trabalho: O Velho, o Novo e o Global. In: *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n.1. 2009.

LOBO, Elisabeth Souza. *Emma Goldman: a vida como revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

MAGNANI, Silvia Lang. *O movimento anarquista em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquismo, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

NETTLAU, Max. *Historia da Anarquia: das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008.

OLIVEIRA, Walter da Silva. *Narrativas à luz de A Lanterna: anticlericalismo, anarquismo e representações*. Tese de Mestrado. São Paulo: PUC, 2008.

PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: ed. Ciências Humanas, 1980.

PERES, Fernando Antônio. *Revisitando a trajetória de João Penteado: o discreto transgressor de limites. São Paulo: 1890-1940. . Tese de doutorado. São Paulo, 2010*.

PRADO, Antonio Ardoni. *Libertários no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1987.

PROUDHON. “A propriedade é um roubo”. In: PASSETI, Edson ; RESENDE, Paulo. *Proudhon* .São Paulo: Ática, 1986.

RODRIGUES, Edgar. *Libertários: ideias e experiências anárquicas*. Petrópolis: Vozes,

1988.

_____. *Os anarquistas - trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo: Global, 1984.

ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista*. Campinas. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro. Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em Dois Mundos*. Lisboa: Letra Livre, 2009.

SCHMIDT, Bento Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868 – 1945)*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

SCHMIDT , Michael ; WALT, Lucien van der. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009.

SFERRA, Giusepina. *Anarquismo e Anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a Resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SILVA, Rafael Viana da. *Indelévels Refratários: as estratégias políticas anarquistas e o sindicalismo revolucionário no Rio de Janeiro em tempos de redemocratização (1946-1954)*. Monografia em História. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 Ed.

_____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Edilene. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.

_____. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

_____. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 – 1945)*. Campinas: Unicamp, 2004.

VALCANTI, Breiner. “O anticlericalismo do jornal “A Lanterna” narrado através de imagens”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo, julho de 2011.

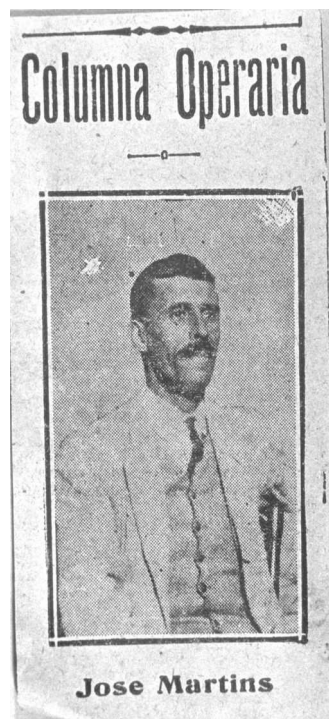
WOODCOCK, George. *Historia das ideias e movimentos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Anexo (Imagens)





(Astrojildo Pereira. Exposição anarquistas. AEL – Unicamp).



(José Martins. Exposição anarquistas. AEL - Unicamp).



(O pedagogo anarquista brasileiro João Penteadó e seus estudantes na Escola Moderna número 1 inspirada na obra do pedagogo catalão Francisco Ferrer. Março de 1913. Domínio público).